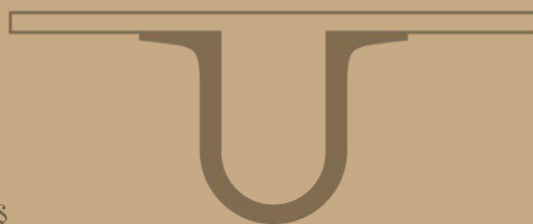




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



§

Ana Sofia Corredoura de Almeida

**O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO:
PERSPETIVAS DE ESTUDANTES E TRABALHADORES DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, orientada pela Professora
Doutora Maria Manuel Borges, apresentada ao Departamento de Filosofia,
Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Janeiro de 2022

FACULDADE DE LETRAS

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO: PERSPETIVAS DE ESTUDANTES E TRABALHADORES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	O Profissional da Informação no Mercado de Trabalho: perspetivas de estudantes e trabalhadores da Universidade de Coimbra
Autor/a	Ana Sofia Corredoura de Almeida
Orientador/a(s)	Maria Manuel Borges
Júri	Presidente: Professora Doutora Maria Cristina Vieira de Freitas
	Vogais:
	1. Professor Doutor Carlos Manuel da Conceição Guardado da Silva
	2. Professora Doutora Maria Manuel Bores
Identificação do Curso	2º Ciclo em Ciência da Informação
Área científica	Ciência da Informação
Data da defesa	09 de fevereiro de 2022
Classificação	16 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



RESUMO

O papel do profissional da informação foi alterando e evoluindo ao longo dos anos na sociedade e cada vez mais se sente a necessidade de formação para exercer as suas funções. O presente trabalho pretende estudar o grau de satisfação da formação dada aos alunos e ainda a pertinência da mesma no mercado de trabalho que estes enfrentam ao terminar os estudos e na sua progressão de carreira. Para cumprir este objetivo o método adotado foi um inquérito por questionário a alunos e ex-alunos da licenciatura em Ciência da Informação da Universidade de Coimbra, sendo aplicado através de grupos de Facebook e através de mensagem privada pelo Messenger a um total de 50 alunos, sendo que apenas 38 responderam ao questionário. Depois de analisar os dados podemos concluir que a maioria dos respondentes é do sexo feminino, com idades entre os 22 e 24. Averiguou-se que a maioria optou por esta área de estudo devido às suas diversificadas saídas profissionais e que estão satisfeitos tanto com a licenciatura como com o estabelecimento de ensino que frequentaram. No final, 70.3% da população em estudo considera-se satisfeita com o seu percurso profissional e avaliou a adaptação do plano de estudos da licenciatura como “Bom” em adaptação ao presente mercado de trabalho.

Palavras-chave: Profissional da informação, Ciência da Informação, Educação LIS, mercado de trabalho

ABSTRACT

The role of the information professional has changed and evolved over the years in society and there is an increasing need for training to perform their duties. The present work intends to study the degree of satisfaction of the training given to the students and also its relevance in the job market that they face when they finish their studies and in their career progression. To fulfill this objective, the method adopted was a questionnaire survey to students and former students of the degree in Information Science at the University of Coimbra, being applied through Facebook groups and through a private message through Messenger to a total of 50 students, and only 38 responded to the questionnaire. After analyzing the data, we can conclude that the majority of respondents are female, aged between 22 and 24. It was found that the majority chose this area of study due to their diverse professional outputs and that they are both satisfied with the degree as with the educational establishment they attended. In the end, 70.3% of the study population considered themselves satisfied with their professional path and evaluated the adaptation of the degree's study plan as "Good" in adapting to the current job market.

Keywords: Information professional, Information Science, LIS Education, job market

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Inquiridos por género (N=38)	21
Gráfico 2 - Idade dos inquiridos	22
Gráfico 3 - Habilitações literárias (N=38)	23
Gráfico 4 - Ano letivo de ingresso	24
Gráfico 5 - Opinião sobre a LCI e instituição de ensino	26
Gráfico 6 - Inserção no mercado de trabalho da área	27
Gráfico 7 - Situação Laboral x idade	28
Gráfico 8 - Motivos de não procura de emprego na área de CI (N=37)	29
Gráfico 9 - Setor da atividade profissional (N=37)	31
Gráfico 10 - Regime de trabalho (N=37)	32
Gráfico 11 - Regime de trabalho x (in)satisfação (N=37)	33
Gráfico 12 - Função que atualmente desempenha (N=37)	34
Gráfico 13 - Função x (in)satisfação (N=37)	35
Gráfico 14 - Avaliação da LCI	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo de análise do questionário.....	20
Quadro 2 – Cruzamento entre as idades e o género.....	22
Quadro 3 – Motivos de ingresso na LCI.....	24
Quadro 4 – Situação laboral no primeiro ano após a LCI.....	26
Quadro 5 – Fatores que dificultaram a inserção no mercado de trabalho.....	28
Quadro 6 – Motivos de satisfação profissional.....	30
Quadro 7 – Motivos de insatisfação profissional.....	31

Sumário

RESUMO	II
LISTA DE GRÁFICOS	IV
LISTA DE QUADROS	V
INTRODUÇÃO.....	1
1 A EMERGÊNCIA DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO.....	3
1.1 <i>O surgimento das bibliotecas e dos seus profissionais: breve contextualização histórica</i>	<i>3</i>
1.2 <i>A formação em Ciência da Informação ao nível internacional</i>	<i>8</i>
1.3 <i>A formação em Ciência da Informação em Portugal</i>	<i>11</i>
1.4 <i>Desafios da formação em LIS.....</i>	<i>17</i>
2 Instrumentos, população e recolha de dados	19
2.1 <i>Categorias de análise</i>	<i>20</i>
2.2 <i>Resultados e discussão</i>	<i>21</i>
2.2.1 <i>Caracterização dos respondentes</i>	<i>21</i>
2.2.2 <i>Trajectoria académica.....</i>	<i>23</i>
2.2.3 <i>Caracterização da situação laboral e do processo de inserção no mercado de trabalho</i>	<i>26</i>
2.2.4 <i>Inserção laboral na atualidade</i>	<i>27</i>
2.2.5 <i>Satisfação/Insatisfação com o percurso profissional</i>	<i>29</i>
2.2.6 <i>Características do atual emprego</i>	<i>31</i>
2.2.7 <i>Adequação da formação recebida ao mercado de trabalho.....</i>	<i>35</i>
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
APÊNDICE	43

INTRODUÇÃO

Uma profissão nasce apenas como fruto da necessidade da sociedade e uma das necessidades mais antigas na Humanidade é o registo e preservação de informação.

O profissional da informação viu a sua profissão ser alterada ao longo dos anos devido à evolução da sociedade. No entanto, esta é uma profissão que vai muito mais além de bibliotecários, arquivistas e/ou documentalistas. Assim, não serão apenas as bibliotecas, arquivos ou museu que necessitam do seu trabalho, mas também as empresas para sobreviverem e para que terem sucesso num mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Estes profissionais sentiram a necessidade de se reinventarem e com o surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), conseguiram alcançar novas ferramentas de trabalho, novos cargos e novas expectativas perante a sociedade. Hoje em dia, um bibliotecário é uma pessoa que organiza e trata a informação gerada por uma instituição, sendo ela privada ou pública.

Como em todas as áreas, a preparação para o exercício da profissão é importantíssima e a instabilidade profissional é algo que já todos presenciamos. Se a formação académica sempre foi necessária para construir carreira, hoje, mais do que nunca, vemos a necessidade de ter de ampliar e angariar mais conhecimento para que a inserção no mercado de trabalho seja mais fácil e adequada. Na geração que me antecede, o facto de ter uma licenciatura era já quase como uma garantia de um trabalho após a conclusão dos estudos. No entanto, hoje sabemos que a maioria dos postos de trabalho exige a categoria de mestre. Com a expansão do ensino superior e consecutivamente dos graduados, cada vez sentimos mais a necessidade de nos diferenciarmos de alguma forma dos restantes candidatos. Não só isto, note-se também que as alterações económicas a que assistimos ao longo dos anos originam também alterações no mercado de trabalho.

Assim, torna-se cada vez mais importante existir um estudo por parte das universidades das necessidades que o mercado de trabalho apresenta: competências mais requeridas pelos empregadores, características, exigências e projetos futuros do mercado de trabalho, etc. Desta forma, é possível criar-se um plano de estudos adequado e um perfil do profissional claro e bem definido, possibilitando aos futuros profissionais uma melhor inserção no mercado que os espera.

Os estudos de investigação que permitem conhecer a opinião e as perceções dos empregadores face a uma determinada profissão são fundamentais na análise da inserção profissional dos graduados. (Marcos, 2016, p. 175)

Igualmente importante é compreender o que os graduados passaram ao terminarem os seus estudos e a sua própria experiência na inserção do mercado.

Este trabalho pretende estudar o grau de satisfação da formação dada aos alunos e ainda a pertinência da mesma no mercado de trabalho que estes enfrentam ao terminar os estudos e na sua progressão de carreira.

Para cumprir este objetivo foi aplicado um inquérito por questionário sobre o tema aos alunos e ex-alunos da Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade de Coimbra. Nele podemos encontrar questões de opinião sobre a licenciatura que frequentaram, sobre a universidade onde estiveram a estudar e sobre os principais fatores que possam dificultar a inserção no mercado de trabalho. Além destas, podemos encontrar outras questões baseando-se em experiências vividas pela população em estudo como a situação laboral vivida pelos mesmos no primeiro ano após a conclusão da licenciatura, a situação laboral atual, o seu grau de satisfação com o seu percurso profissional.

Este trabalho está dividido em dois capítulos: no primeiro, faz-se uma breve contextualização histórica das bibliotecas e dos seus profissionais, realçando o surgimento da Ciência da Informação bem como algumas definições do Profissional da Informação, discutindo-as em face da literatura. Neste capítulo inclui-se a formação destes profissionais ao nível internacional, com destaque para os Estados Unidos da América, e em Portugal. No segundo capítulo apresenta-se a análise do questionário: os instrumentos utilizados e uma descrição mais detalhada dos respondentes. Encontramos ainda neste último capítulo uma análise e cruzamento dos dados obtidos nas diferentes questões de forma a relacionarmos as várias respostas.

1 A EMERGÊNCIA DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

1.1 O surgimento das bibliotecas e dos seus profissionais: breve contextualização histórica

A necessidade de preservar e transmitir os acontecimentos, saberes e tradições não é uma necessidade atual. Se, inicialmente, estas informações eram passadas de geração em geração por via da oralidade, a possibilidade de criar um registo duradouro deu-se apenas com a possibilidade de registo, isto é, com a escrita. É esse registo, e a necessidade da sua conservação, que ditou a necessidade de um local para o seu armazenamento, as bibliotecas e os arquivos, os quais constituem um passaporte para a permanência:

Uma biblioteca é, pois, um monumento à permanência, à possibilidade de, em tempos futuros, recuperar os contributos à ciência, à imaginação e à criatividade do passado, enriquecendo e dando sentido a formas de olhar o mundo (Borges, 2006, p. 521)

A palavra biblioteca (*bibliothéke*) nasceu na Grécia e é composta por *biblion*, que significa livro, e por *théke*, que significa depósito, cofre, edifício. Muitas foram as civilizações que tiveram bibliotecas introduzidas nas suas sociedades. (Pena, 2008) Destacam-se a de Nínive do século VI a.C. e a mais famosa de todas, a de Alexandria. A primeira situava-se no território do atual Iraque e era parte do palácio do Rei Assurbanípal II. Foi apenas descoberta muitos séculos após a sua construção, por Henry Layard em 1845, sendo que vários fragmentos encontrados nesta escavação arqueológica encontram-se hoje no British Museum. Esta biblioteca continha cerca de 20 mil blocos de argila com transcrições e textos de diversos assuntos escritos com caracteres cuneiformes. Estas placas registavam ainda o título, número ou volume, o nome da pessoa que as possuía originalmente, o nome do escriba e ainda o selo. Este mecanismo de organização da biblioteca era considerado, tal como hoje essencial, tendo-se tornado numa das ferramentas de pesquisa mais utilizadas pelos bibliotecários: o catálogo.

A biblioteca de Alexandria foi criada por Ptolomeu I Sóter (o Salvador), criada na cidade de Alexandria, fazia parte do Mouseion, ou Templo das Musas, instituições de investigação da Grécia Antiga. Ao pensarmos nesta biblioteca somos remetidos para um enorme edifício que guardaria toda a vasta coleção que existia. No entanto, esta biblioteca era constituída por dois edifícios que juntos formavam a tão aclamada Biblioteca de Alexandria. O primeiro e principal foi construído no ano 280 a.C., no interior do Templo das Musas. A biblioteca menor, também conhecida como a “irmã”, foi construída no século IV a. C. no interior do Templo de Serápis, deus egípcio protetor de Alexandria. Desconhece-se o número exato do seu acervo, mas sabe-se que os papiros e rolos eram etiquetados registando os nomes

dos autores e os títulos das obras, sendo posteriormente dispostos em pilhas por ordem alfabética de autores. Este formato de catálogo é conhecido como *Pinakes* (Tabela ou Listas) e foi criado por Calímaco¹ O desaparecimento da Biblioteca de Alexandria, cujas causas ainda estão por apurar, constituiu uma enorme perda para o avanço do conhecimento.

Foi na passagem do Mundo Antigo para a Idade Média que se deu o nascimento e cristalização do conceito de “arquivo”, sendo que foi no decorrer desta última que houve a divisão entre Arquivo e Biblioteca. Podemos encontrar no início desta época bibliotecas de natureza religiosa também chamadas de monacais, construídas em mosteiros e abadias que possuíam um *Scriptorium*, uma oficina de monges copistas que executavam várias cópias da mesma obra, muitas delas cristãs e da Antiguidade, o que ajudou a que a informação chegasse até aos dias de hoje e não se perdesse facilmente. A hierarquia que existia no mosteiro passou a ser aplicada nas bibliotecas, sendo que o acesso era restrito a poucas pessoas. O objetivo da biblioteca era salvaguardar a informação.

Durante este tempo, existiam ainda algumas bibliotecas particulares que pertenciam a grandes nobres ou imperadores. Muitas destas bibliotecas contavam com um copista e um bibliotecário principal que tinha como objetivo a organização do acervo. Muitas das obras que eram guardadas neste tipo de bibliotecas fazem hoje parte de bibliotecas nacionais.

A criação das universidades faz aumentar a procura por textos apesar de, o nível de acesso ser relativamente baixo. A solução passou por, pela primeira vez, abrir as portas das bibliotecas que existiam ao público. (Pena, 2008) De forma a organizar a informação contida nas diferentes bibliotecas, surgiu o primeiro catálogo unificado, criado por franciscanos ingleses na segunda metade do século XIII, que continha a obra, o nome dos autores e ainda a que bibliotecas monacais pertenciam. Daí veio a necessidade de organização de toda esta informação. No final desse mesmo século, as universidades passaram a ter as suas próprias bibliotecas e apenas aqui surgiu, de facto, a profissão de bibliotecário como gestor da informação.

Até à data, os documentos eram produzidos em baixa escala. Como já vimos acima, as bibliotecas, na sua maioria, pertenciam ao clero e a alguns elementos da nobreza e realeza. É no Renascimento que a sociedade passa novamente por mudanças sociais, tais como o decréscimo do poder do clero na população e o aparecimento da imprensa. Observamos um

¹ Para mais informação, veja, por exemplo, (Blum, 2011).

novo crescimento do interesse pela publicação e venda de livros. Assim, os exemplares passam a ser produzidos em grande escala para que toda a população possa ter acesso, o que levou a que as bibliotecas sentissem a necessidade de obter todas as publicações que estavam a ser produzidas, de forma a alargar o seu acervo de forma a ter a mais vasta informação disponível para acesso dos seus alunos. É aqui que o bibliotecário passa a ter um papel de maior importância, estando agora responsável pela organização de uma vasta coleção de informação.

Apesar dos esforços das bibliotecas conterem toda a informação que estava a ser produzida, sentiu-se a necessidade de criar bibliotecas mais especializadas, focadas numa área do conhecimento específico, de forma a melhor monitorizar todas as publicações que estavam a ser produzidas e responder a perfis especializados.

É ainda no Renascimento que as bibliotecas passam a ser consideradas não só como um local de leitura, mas também como centros de estudo onde existe troca de informações e ideias, tal como em Alexandria. É aqui que o bibliotecário deixa de ser visto apenas como o profissional responsável pela organização da biblioteca, mas também como divulgador de informação, tomando assim um papel mais central na sustentação das bibliotecas. Surgem também nesta época os primeiros tratados e manuais sobre os acervos de arquivos, bibliotecas e museus.

O surgimento da Ciência da Informação deu-se com um conjunto de acontecimentos nesta época, tais como

o avanço científico e tecnológico, principalmente em função da 2ª Guerra Mundial e, conseqüentemente, a “explosão bibliográfica”; a necessidade social, histórica e política do registo e transmissão dos conhecimentos e informações, produto do processo de desenvolvimento da Ciência e Tecnologia; e o surgimento de novas tecnologias a partir do microfilme. Pinheiro (CEOS.PP, 2020)

A autora acredita que a evolução da Ciência da Informação pode ser dividida em 3 fases cronológicas: de 1962 a 1969 com o “surgimento da Ciência da Informação, com primeiras discussões a respeito da origem, denominação, conceitos e definições”; de 1970 a 1989 com a “busca de princípios, metodologia e teorias próprios, com delimitação do terreno epistemológico, sob transformações das novas tecnologias”, sendo que começa a existir uma vasta literatura sobre o tema, principalmente nos países industrializados e de língua inglesa (Estados Unidos e Austrália) de 1990 até à atualidade com a “consolidação da denominação e de princípios, métodos e teorias” e ainda com a “discussão da natureza e relações interdisciplinares”. Pinheiro (CEOS.PP, 2020)

A Sociedade da Informação surge no século XXI onde o foco passa a ser toda a informação gerada e consumida pelo utilizador, bem como o acesso e capacidade de utilizar a informação e o conhecimento. O tratamento da informação exige uma profissão dedicada ao seu tratamento e controlo, o profissional da informação. Partindo o termo nas suas palavras constituintes podemos perceber que: Profissão, do latim *professione* consiste no ato de professar, significando declaração pública de um sentimento, crença ou opinião. É ainda uma atividade de ocupação especializada que requer formação. Assim, um profissional é quem exerce uma ocupação especializada.

O termo informação é bem mais complexo, podendo assumir várias formas. Num primeiro sentido, informação, do latim *informatione*, consiste num conjunto de dados recebidos do exterior ou por um ser vivo, por intermédio dos seus sentidos ou uma máquina eletrónica. É o que é transmitido. Podemos também considerar informação como um conjunto de dados que são organizados de forma a transmitir uma mensagem sobre um certo acontecimento ou assunto. Uma outra perspetiva diz-nos que informação consiste na ação de informar, que confere sentido às coisas de forma a moldar o pensamento humano através de dados recolhidos e organizados. Segundo Pinto (2005) a informação consiste no “conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto, etc.), e, portante, comunicadas de forma assíncrona e multidirecionadas).”

Assim sendo, e de uma forma bastante simplificada, o profissional da informação é quem tem como ocupação especializada lidar com a informação.

A atuação do arquivista não se limita mais ao espaço físico do arquivo, onde as atribuições se referem à classificação, guarda e preservação da documentação. Nas recentes formas do exercício da profissão estão atividades relacionadas à gestão documental em todas as suas etapas, atuando diretamente com as ações estratégicas. (Bedin et al., 2019)

A denominação “Profissional da Informação” é bastante recente sendo que estes profissionais eram normalmente conhecidos como Bibliotecários e/ou Arquivista e/ou Documentalistas, já que estas eram as funções desempenhadas pelos mesmos. Com o passar dos anos e com o desenvolvimento da sociedade, as funções desempenhadas pelos profissionais foram alterando-se e aumentando, havendo necessidade de alguns estudos para as exercer. Com isto, houve a necessidade de criar um novo termo para definir esta profissão que estava a crescer: Profissional da Informação. De Bibliotecários a Gestores de Informação, existe um

leque de variadíssimas denominações para diferentes tipos de Profissionais da Informação, no entanto, é comum associarmos estes profissionais apenas às bibliotecas e aos arquivos, sendo que muitos se limitam apenas a essas instituições. Todos os bibliotecários são, ou pelo menos deveriam ser, profissionais da informação, mas nem todos os profissionais da informação são bibliotecários.

Existem vários autores a nos darem definições do que é o Profissional da informação. (Targino, 2000, p. 4), por exemplo, afirma que o

profissional da informação se refere àqueles que se dedicam à informação, o que implica atualização, capacidade de pesquisa, e de manuseio de suportes variados, tendo em vista, sempre, as demandas informacionais do público" e ainda que este profissional "é quem adquire informação registada, não importa em que tipo de suporte, organiza, descreve, indexa, armazena, recupera e distribui essa informação.

Carvalho (Carvalho, 2002) diz-nos que o profissional da informação é "o mediador entre o acervo passivo e o utilizador, tendo um papel relevante por lidar com questões especiais exigidas pela organização da documentação."

Ferreira (Ferreira, 2003) define profissional da informação como a pessoa responsável por "assistir, intermediar e apoiar outras pessoas na busca de informações, por meio da gestão do conhecimento". A autora diz-nos ainda que este profissional "pode ser o analista de negócios", que procura "soluções de tecnologia capazes de alavancar a competitividade dos processos empresariais", trazendo desta forma melhores práticas do mundo exterior e tecnologias emergentes.

A ECIA (European Council of Information Associations) refere que é da responsabilidade do profissional da informação

encontrar a informação para uso profissional (depois de a ter sabido pesquisar), trata-la para aumentar a sua qualidade, geri-la, torna-la facilmente acessível e transmiti-la aos que dela necessitam, utilizadores ou clientes. (*EURO Referencial I-D*, 2005)

Apesar de todas as definições, acredito que este seja um conceito ainda em construção, pois além de ser uma denominação bastante recente, surgindo apenas devido à Ciência da Informação e à Sociedade da Informação, é um conceito que abrange várias áreas de estudo e trabalho. Entendo que um Profissional da Informação é uma pessoa que tem os conhecimentos e as competências para o tratamento da informação, qualquer que seja o seu contexto e tipologia. O trabalho deste profissional consiste, pois, essencialmente em facilitar o acesso à informação, qualquer que seja o contexto em que atua

Le Coadic (Le Coadic, 1996) agrupa os profissionais da informação em 3 grupos: especialistas da informação, empresários da informação e cientistas da informação. Os

primeiros priorizam a análise, a comunicação e utilização da informação do que o armazenamento e conservação das coleções, processando a informação através de computadores e de redes de telecomunicações. Estes tipos de profissionais encontram-se em diferentes locais/áreas, como por exemplo no setor de marketing, no departamento de investimentos, recebendo denominações diferentes consoante a área envolvida: analista de informação e/ou de documentos, gestor da informação, etc. Os empresários da informação criam empresas de fabricação e venda de produtos ou serviços de informação, como bancos de informações especializados, softwares e catálogos. Já os cientistas da informação encontram-se regra geral vinculados a universidades e institutos de pesquisa, procurando sempre estudar as propriedades da informação e o desenvolvimento de novos sistemas e produtos de informação.

Por fim, o profissional da informação deve ser uma pessoa com formação multidisciplinar que consegue compreender a profissão e o meio profissional, conseguindo-se enquadrar em diferentes vertentes de estudo e trabalho, assim como em organizações públicas e/ou privadas, aplicar corretamente os princípios e regras associados à Ciência da Informação e ainda criar e/ou utilizar ferramentas de informação nos seus vários tipos de suporte.

1.2 A formação em Ciência da Informação ao nível internacional

Em 1821, em Paris, surgiu uma escola erudita onde disciplinas, consideradas auxiliares da História, como a Paleografia, Diplomática, Bibliografia, Arquivista, etc., foram implementadas nos conteúdos curriculares de cursos na formação de arquivistas-paleógrafos e de bibliotecários eruditos, apoiando principalmente os historiadores. Era a École National des Chartres, representante do modelo de formação francês que continha uma forte matriz historicista. Aqui criou-se ainda um modelo onde o arquivo equivalia a um “laboratório da história”, que foi rapidamente adotado pelos outros países, como Portugal (Pinto, 2008)

Com o passar dos anos observamos uma “crescente afirmação da vertente técnica e consequente ênfase no acesso à informação através da normalização e procedimentos de tratamento da informação, bem como da emergência do associativismo nesta área” (Pinto, 2008). Em 1895 é criado o Instituto Internacional de Bibliografia que aposta na formação inicial e ainda na formação contínua da área. Com o seu crescimento e conhecimento a nível de mundial, estas ideias chegam a algumas associações emergentes europeias, como a Association des Bibliothécaires de France (1906) que estabelece em Paris uma Escola de Biblioteconomia para treinar futuros bibliotecários e documentalistas e ainda a algumas associações profissionais

dos Estados Unidos da América, como a American Library Association (1876). No período entre as duas guerras mundiais este tipo de formação cresce e vemos várias instituições a destacar-se pela criação de cursos e ações de formação direcionados aos arquivos.

No final do século XIX as Universidades de Bolonha e de Macerata, em Itália introduzem formação na área da Arquivística no âmbito de cursos como a História. Paralelamente encontramos do outro lado do Oceano Atlântico na Universidade de Columbia, a criação do curso de formação de bibliotecários. No entanto, é apenas na década de 40 do século XX que encontramos o desenvolvimento do ensino universitário de Arquivística, Bibliografia e Documentação na Europa e nos Estados Unidos da América, aplicando cursos médios, superiores e de pós-graduação nas áreas. A Conferência Internacional de Washington em 1958 vem chamar a atenção para a área da *Information Science*, estando esta “claramente implementada enquanto área disciplinar na formação académica a partir dos anos 70” (Pinto, 2008) onde surgem temáticas ligadas às problemáticas de produção/recolha, organização/uso e difusão da informação.

Na *Information Science* encontramos os bibliotecários e os documentalistas, existindo uma separação destas duas áreas com a Arquivística, que é deixada de lado. Isto é acentuado com o nascimento do International Council of Archives em 1950 que faz com que os Estados Unidos integrem por uma questão de logística e de maneira progressiva a Arquivística nas escolas de Biblioteconomia e de Information Science, existindo assim uma racionalização de recursos. No entanto, apesar de observamos uma diversidade de modelos de formação, níveis de ensino e graus atribuídos, conseguimos ver também a separação feita entre a formação de bibliotecários/documentalistas/information scientists da dos arquivistas, sendo que estes últimos ainda eram bastante ligados aos arquivos históricos e consequentemente ao curso de História em alguns países. Devido a todos estes fatores, dá-se em 1974 o início do que seria o movimento para a harmonização da formação apoiada pela UNESCO destas 3 grandes áreas: Biblioteconomia, Documentação e Arquivística. No entanto, estes foram esforços não tiveram efeitos práticos. (Pinto, 2008)

No final dos anos 1980, observamos uma mudança a nível social, político, financeiro, cultural e tecnológico devido à crise que se presenciava. Devido a isto temos “um novo meio ambiente que condiciona e envolve os contextos e situações comportamentais relativas à produção, fluxo, gestão, transmissão e uso/reprodução de informação em todo o seu ciclo de vida”. (Pinto, 2008) Note-se que é ainda neste período que observamos um crescimento na

interação com o meio digital, onde o formato digital começa a ganhar algum valor, devido ao começo de um novo modelo da sociedade – a Sociedade da Informação.

A informação emerge, pois, como um fenómeno inscrito na realidade humana e social, abarcando um vasto leque de facetas como a político-administrativa, a cultural e a científica, e assume uma dimensão que ultrapassa a tradicional visão documentalista, que considera, apenas, a informação registada (documental) como objeto de trabalho e de estudo das já referidas ciências designadas de Documentais, em que se incluíam a Arquivística, a Biblioteconomia e a Documentação (Pinto, 2008)

A primeira escola americana para *Library Science* foi fundada por Melvil Dewey e era lecionada na Columbia University. Esta seria o primeiro passo para o que hoje conhecemos como Library and Information Science (LIS) que consiste num campo de estudo multidisciplinar que pretende criar, selecionar, organizar, preservar e utilizar a informação, sendo ela em qualquer tipo de suporte.

Library and information science is dedicated to understanding the nature of information, the interaction between information and communication technologies, the relationship between information and knowledge, the cognitive and affective aspects of knowledge acquisition, and the interface between people and information (Tumuhairwe, 2013).

Esta área tem como objetivos ensinar aos estudantes a função e o propósito da biblioteca sendo esta integrada num ambiente social ou académico; criar novos conhecimentos e metodologias de investigação permitindo que os estudantes consigam desenvolver ferramentas, produtos e serviços de informação adequados às necessidades dos vários tipos de instituições; preparar os alunos para a interação com as TIC e a sua aplicação nos sistemas e serviços de informação; fornecer o conhecimento básico e necessário em gestão de sistemas de biblioteca, centros de informação, etc. e os seus princípios básicos e por último treinar os alunos para a gestão de uma biblioteca baseando-se nas técnicas da biblioteconomia. (Muthu et al., 2015)

No programa da LIS existe uma forte relação entre a parte teórica e a parte prática, sendo que podemos encontrar:

- Abordagem multidisciplinar
- Biblioteca e Ciência da Informação
- Ciência da Computação
- Ciência da Gestão
- Indústrias e Organizações
- Outras disciplinas aliadas
- Programa de estágio

Com o crescimento da área, certas questões começaram a ser colocadas. Assim, o ensino em LIS pretende preparar os seus alunos para o novo papel do profissional da informação no mercado de trabalho de forma a aumentar as oportunidades educacionais e dando também uma

opção a nível profissional. Uma das questões que surgiu foi se o corpo docente da LIS estaria preparado para as novas e atuais necessidades que a sociedade apresentava. Para dar resposta a isto, o ensino em LIS centrou-se em recrutar um corpo docente mais diversificado adaptando os seus currículos às necessidades de ensino dos alunos, ajudando-os a desenvolver abordagens inovadoras que desafiem o mercado de trabalho. Alguns exemplos disto são o requisito dos professores utilizarem tecnologia no ensino, terem conhecimentos no campo de programação de sistemas de informação e ainda a capacidade de analisar teorias da LIS e áreas associadas. Pretendem com isto reformular a educação em LIS, criando uma nova era nos métodos de ensino baseando-se na interdisciplinaridade das várias áreas associadas. (Muthu et al., 2015)

Um desafio da LIS que se pode também aplicar na Ciência da Informação consiste em se o ensino destas áreas estará a preparar os alunos para as necessidades do utilizador e consequentemente da sociedade, uma vez que estas estão em constante evolução. Desta forma, o que hoje poderá ser um ponto fulcral na aprendizagem e execução por parte do profissional, poderá não corresponder às expectativas do utilizador no futuro. (Muthu et al., 2015)

1.3 A formação em Ciência da Informação em Portugal

A criação do ensino superior em Portugal remete ao ano 1290 (século XIII) e a D. Dinis com a assinatura do documento “Scientiae thesaurus mirabilis” a originar a Universidade mais antiga de Portugal e uma das mais antigas do mundo, sendo reconhecida no mesmo ano pelo papa Nicolau IV. Começou por funcionar na capital do país, cidade de Lisboa, e pós um período de migração entre esta cidade e a cidade de Coimbra, passa a ser transferida definitivamente em 1537 para esta última por ordem do Rei D. João III. Residia inicialmente apenas no Palácio Real, sendo que à medida que foi alargado as suas ofertas formativas foi também ocupando mais edifícios. A Universidade de Coimbra abriu as suas portas com as Faculdades de Artes, Direito Canónico (Cânones), Direito Civil (Leis) e Medicina.

Em 1911 são criadas as Universidades do Porto e de Lisboa pelo Estado português sendo que, em 1973, criam-se mais 4 universidades, a do Minho, a de Aveiro, a Nova Lisboa e a de Évora. Nesta mesma altura o Estado reconhece a Universidade Católica Portuguesa criada pela Santa Sé. Além destas existiam ainda instituições de ensino superior militares, direcionadas para a Defesa do país e mais focadas nas necessidades que estes tinham.

Hoje em dia o ensino superior português baseia-se num sistema binário onde podemos encontrar o ensino universitário, orientado para a formação científica tendo 3 ciclos conferentes de grau: licenciatura, mestrado e doutorado; e o ensino politécnico, orientado para a execução da

profissão em si tendo apenas 2 ciclos conferentes de grau: licenciatura e mestrado. Além estas opções temos ainda as não conferentes de grau, nomeadamente as pós-graduações.

A formação dos profissionais das bibliotecas e dos arquivos começou por ser obtida nas instituições a partir da experiência no terreno, um saber-fazer que foi transmitido de geração em geração e que a dada altura conceptualizou-se de forma académica (Marcos, 2016)

É inicialmente, em 1887, que observamos a criação do primeiro curso de bibliotecário-arquivista que ligava a formação profissional à formação superior e que dava habilitações para vários postos como o de amanuense do Real Arquivo e equivalente na Biblioteca Nacional. Neste curso podemos encontrar as disciplinas de Diplomática, Numismática e Bibliologia lecionadas no Real Arquivo da Torre do Tombo ou na Biblioteca Nacional e ainda outras disciplinas complementares integradas no Curso Superior de Letras, que abrangia áreas como a História, a Filosofia, a Literatura, entre outras. (Pinto, 2008)

Em 1911, vemos o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista passar a fazer parte da recém-criada Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sendo que apenas a 8 de maio de 1918 a organização e gerência do curso passa totalmente para alçada desta universidade, tornando-se responsável ainda pela emissão de diplomas. A 1919 a designação do curso passa para “Curso de Biblioteconomia e Arquivista”.

Em 1927 surgiu o primeiro curso da Ciência da Informação em Portugal na forma de Pós-Graduação não conferente de grau, sendo necessário para ter acesso um diploma num curso superior e a aprovação num exame de aptidão. Este foi inicialmente lecionado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa uma vez que estava diretamente interligado à administração central do Estado e à inspeção Geral das Bibliotecas e dos Arquivos. A formação era dada através de profissionais da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional.

Em 1935 este curso deixa a capital passado a ser lecionado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra como curso de “Bibliotecário-Arquivista”, tornando-se assim a única instituição do país a deter um curso ligado à Ciência da Informação. (Borges et al., 2019) Tinha a duração de dois anos e continha um estágio de 6 meses, focando-se na preparação de pessoal técnico das bibliotecas e arquivos governamentais e das corporações administrativas, incluindo disciplinas como a Paleografia e Diplomática, a Numismática e Esfragística, a Bibliografia e Biblioteconomia e Arquivística e ainda no segundo ano com Arquivo-economia. Isto apenas até 1982, quando se dá a criação do Curso de Especialização em Ciências Documentais (CECD) na Universidade de Coimbra, sendo depois expandido para a Universidade de Porto e de Lisboa.

Nos finais dos anos 80 este curso passa a estar disponível em outras universidades públicas e privadas. e é uma formação obrigatória ter esta pós-graduação, para poder exercer a profissão.

É no ano letivo de 2001/2002 que na Universidade do Porto que a Faculdade de Letras e a Faculdade de Engenharia cria a licenciatura em Ciência da Informação e que o Instituto Politécnico do Porto, nomeadamente a Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (ESEIG) cria a licenciatura bietápica em Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação (CTDI) que tal como o nome indica divide-se em dois ciclos de estudo conferentes dos graus bacharel e licenciado. Durante o processo de Bolonha (2007-2013) a formação começou a ser lecionada em 3 ciclos de estudos: licenciatura, mestrado e doutoramento, todos eles conferentes do seu grau respetivo de licenciado, mestre e doutor. Apenas a Universidade de Coimbra e a Universidade do Porto oferecem o curso agora denominado de Ciência da Informação. No ISCAP (Instituto Superior de contabilidade e Administração Pública), a licenciatura tem uma outra designação, Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação.

A Declaração de Bolonha foi assinada a 19 de Junho de 1999 por 29 países europeus, entre os quais Portugal, com o intuito de criar uma alteração no paradigma do ensino superior de forma a harmonizar o mesmo e as suas políticas educativas. Hoje em dia, podemos contar com 48 países participantes, sendo eles: Albânia, Andorra, Arménia, Áustria, Azerbaijão, Belarus, Alemanha, Bósnia Herzegovina, Bulgária, Croácia, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Portugal, Grécia, Itália, Hungria, Islândia, Irlanda, Cazaquistão, Letónia, Liechtenstein, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Moldávia, Montenegro, Holanda, Macedónia, Noruega, Polónia, Roménia, Rússia, San Marino, Sérvia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Suíça, Suécia, Turquia, Ucrânia, Bélgica, Geórgia, Vaticano.

“O Processo de Bolonha procura conferir mais coerência aos sistemas de ensino superior em toda a Europa” (site da EU, 2021)

Uma grande mudança a nível europeu foi a criação de graus académicos compatíveis entre os vários países e a sua estrutura em 3 ciclos de estudo, sendo que esta poderia alterar-lhe ligeiramente conforme o curso seguindo sempre uma linha de orientação. Desta forma, conseguimos ter uma leitura legível do diploma ou documento proporcionador de grau, uma igualdade na empregabilidade do diplomado e ainda uma maior facilidade de mobilidade com finalidade de aprendizagem. Com isto vemos o grau intitulado de *bacharel* proporcionado pelo ensino politécnico extinguir-se nos países aderentes.

A promoção da educação universitária no âmbito da UE, deu origem ao que hoje se intitula de Espaço Europeu da Educação Superior (EEES), que permite o reconhecimento de titulações e assegura uma formação semelhante de estudantes e sua integração ao mundo do trabalho unificado e sem fronteiras.” (Vitorino, 2016)

Uma outra mudança a que podemos assistir neste processo que está diretamente ligada à mobilidade dos estudantes é a criação de um sistema de créditos ou ECTS (European Credit Transfer System) compatíveis nos vários países que permite equivalências nas várias instituições aderentes. Assim, os estudantes são de certa forma encorajados a experienciar novos ambientes em novos países enquanto concluem o seu curso, fazendo com que se abram horizontes nas perspetivas académica e profissional. Desta forma é um ensino que visa a inclusão dos alunos e pretende torná-lo mais atrativo e competitivo a nível mundial.

Deve-se ainda referir no presente trabalho o documento *Euro-Referencial I-D* elaborado pela ECIA (European Council of Information Associations), edição de 2005, uma vez que é um elemento fulcral na determinação da formação na área da Ciência da Informação, englobando todos os modelos de oferta da mesma, sendo que as funções das diferentes vertentes da área (arquivística, biblioteconomia, documentação, etc.) foram identificadas e comparadas. Este instrumento foi elaborado por profissionais da informação de várias nacionalidades europeias

destina-se a diversas categorias de utilizadores (profissionais de informação-documentação em atividade, empregadores-recrutadores, pessoas que desejem orientar-se para estas atividades, formadores) e a diversas utilizações (redigir um curriculum vitae, progredir na carreira, auto-avaliar-se, elaborar um programa de formação) (*EURO Referencial I-D*, 2005)

No Euro-Referencial I-D podemos encontrar uma lista de 33 domínios de competência divididos em 5 grupos, sendo eles apresentados abaixo de uma forma resumida:

Grupo I – Informação: identificado como o “oração da profissão”; domínios onde não é permitido que o profissional da informação não seja competente, mesmo num nível básico.

Grupo T – Tecnologias: as tecnologias da Informática e da Internet.

Grupo C – Comunicação: competências indispensáveis a um profissional da área de forma serem interlocutores ativos dos profissionais da comunicação interna e externa da empresa.

Grupo M – Gestão (Management): competências indispensáveis a um profissional da área para a gestão global da informação de forma a serem interlocutores ativos da gestão orçamenta, do marketing e dos recursos humanos da empresa.

Grupo S – Outros Saberes: um grupo mais específico que depende das competências associadas aos domínios de atividade dos utilizadores e/ou à informação e documentação de natureza específica a ser tratada.

Este documento é então um elemento-chave para que possamos compreender as capacidades e competências necessários que os profissionais devem ter para a execução da profissão, tendo sempre como ponto de partida as funções desempenhadas pelos profissionais no mercado de trabalho. A sua adoção por parte das instituições de Ensino Superior que lecionam os distintos graus de ensino não resulta numa oferta homogénea, apesar de adotarem o mesmo documento orientador para a sua formação.

Como disse acima, hoje em dia a licenciatura na Universidade do Porto é lecionada nas Faculdade de Letras em conjunto com a Faculdade de Engenharia e na Universidade de Coimbra na lecionada na Faculdade de Letras. Estamos perante o 1º Ciclo de Estudos onde a duração normal é de seis semestres (3 anos), que confere aos alunos um conhecimento base científica na área que estudam e ainda competências importantes para a sua empregabilidade ou prosseguimento de estudos.

Na licenciatura em Ciência da Informação da Universidade do Porto podemos encontrar as seguintes unidades curriculares podemos encontrar (site da U.P. 2021):

1º ano - Informática Básica, Lógica, Introdução aos Sistemas e Ciência da Informação, História da Cultura, Técnicas de Expressão e Comunicação, Fundamentos de Gestão, História da Administração Pública, Inglês Técnico, Linguística e Sistemas Computacionais e de Comunicação;

2º ano - Metainformação Descritiva, Direito Administrativo, Informação para a Internet, Organização e Gestão de Empresas, Técnicas e Metodologia da Ciência da Informação, Comportamento Informacional, Controlo de Autoridade e Indexação, Fontes de Informação e Serviços de Referência, Sistemas de Informação nas Organizações;

3º ano - Análise de Sistemas de Informação, Gestão da Informação, Gestão de Serviços de Informação, Recuperação da Informação, Bases de Dados, Preservação da Informação e Sistemas de Apoio à Decisão, note-se que é ainda neste ano que os alunos têm de desenvolver um projeto na área.

Na Universidade de Coimbra a oferta formativa da licenciatura em Ciência da Informação obedece ao modelo adotado pela Faculdade de Letras para os seus primeiros ciclos de estudos, o qual promove podemos uma maior liberdade aos alunos para poderem selecionar o melhor caminho académico, ou seja, aqui podemos encontrar um leque de opções de unidades curriculares onde temos algumas que são obrigatórias, sendo a maioria de livre escolha. Desta

forma, cada estudante faz o seu próprio horário e escolhe as cadeiras que considera mais pertinentes para o seu percurso académico, sendo sempre acompanhado/a por um tutor.

As unidades curriculares obrigatórias são (site da U.C, 2021):

Sistemas e Políticas da Informação

Organização da Informação em Arquivos

Organização da Informação em Bibliotecas

Princípios de Recuperação da Informação

As restantes unidades curriculares que irei referir de seguida são opcionais e os alunos poderão então escolher em que ano terão as mesmas:

1º semestre: Estudos Métricos de Informação, Fundamentos de Controlo da Informação, Gestão de Recursos em Serviços de Informação, Gestão de Serviços de Informação, Marketing Estratégico de Serviços de Informação, Organização da Informação: Descrição de Recursos Bibliográficos, Planeamento e Avaliação de Serviços de Informação, Sistemas de Publicação Digital, Sociologia da Informação, Teoria Arquivística e ainda Fontes de Informação e Serviços de Referência;

2º semestre: Laboratórios de Representação de Conteúdos, Normas Jurídicas para Arquivo, Normas e Aplicações de Metadados, Organização da Informação Controlo de Autoridades, Preservação, Conservação e Restauro, Representação da Informação: Linguagens Vocabulares, Representação da Informação: Resumos e Linguagens Codificadas, Sistemas Integrados para Bibliotecas e Arquivos e ainda Tecnologias de Informação e Comunicação.

O segundo ciclo de estudos (Mestrado) tem a duração normal de a quatro semestres (2 anos) e contém tanto unidades curriculares destinada ao desenvolvimento de conteúdos como conducentes à elaboração e defesa de uma dissertação ou relatório de estágio/projeto.

Algumas universidades que nos fornecem este ciclo são:

- Universidade do Porto lecionado na Faculdade de Letras em parceria com a Faculdade de Engenharia e confere competências para compreender e ser capaz de ter uma perspetiva crítica sobre a problemática da informação; saber planear, organizar e avaliar sistemas e serviços de informação; saber usar as tecnologias de informação e comunicação genéricas e específicas num contexto profissional. Podemos contar com as seguintes unidades curriculares: Representação do Conhecimento, Sociedade da Informação, Gestão do Conhecimento e Colaboração, Arquivos e Bibliotecas Digitais, Direito da Informação, Análise de Conteúdo e Indexação, Consultoria em Gestão da Informação.

- Universidade de Coimbra lecionado na Faculdade de Letras e confere competências para compreender e ser capaz de ter uma perspetiva crítica sobre a problemática da informação; saber planear, organizar e avaliar sistemas e serviços de informação; saber usar as tecnologias de informação e comunicação genéricas e específicas num contexto profissional. curriculares: Projeto de Design de Interação, Sistemas de Informação, Teoria e Crítica da Sociedade da Informação, Marketing e Comunicação em Serviços de Informação e Património Documental e Bibliográfico, sendo apenas obrigatórias: Gestão da Informação nas Organizações, Teorias e Métodos em Ciência da Informação, Organização da Informação e do Conhecimento Digital, Seminários em Ciência da Informação.

- Universidade de Lisboa lecionado na Faculdade de Letras. Aqui contamos com as seguintes unidades curriculares: Teoria e Metodologia das Ciências da Documentação e Informação, Organização da Informação, Pesquisa e Utilização de Recursos de Informação, Tecnologias da Informação, Direito da Informação, Gestão de Sistemas de Informação, Repositórios digitais.

O terceiro e último de estudos é o Doutoramento e apenas uma universidade confere o grau de doutor em Ciência da Informação, a Universidade de Coimbra.

Podemos observar uma grande evolução na área tanto ao nível académico como ao nível profissional. Uma vez que a profissão cresceu, houve a necessidade de adaptar a formação às novas competências que eram pedidas aos até então bibliotecários, arquivistas e/ou documentalistas. Contamos, hoje, com formação, áreas de investigação e tipos de profissionais adaptados aos vários ramos existentes.

1.4 Desafios da formação em LIS

A educação em LIS enfrenta hoje em dia alguns desafios, sendo que estes irão depender de alguns fatores como o sistema de educação de cada país, o seu programa curricular, por exemplo. No entanto, o facto de observarmos e refletirmos sobre os desafios que os outros países estão a passar faz com que nos tornemos mais ricos a nível de informação neste tema e que possamos prepararmo-nos para caso este seja um desafio do nosso próprio país no futuro.

Segundo (Muthu et al., 2015) podemos encontrar estes desafios agrupados em 3 grupos: programa e currículos, corpo docente e estudantes.

- Programa e currículo

O programa Lis é normalmente oferecido em departamentos, escolas e ainda em faculdades conjuntamente com outras unidades curriculares como a comunicação ou a gestão. Ao observarmos as áreas de estudo em geral oferecidos pelos vários tipos de instituições, muitos são os autores que acreditam que a educação em LIS pode não receber o mesmo tratamento em comparação às outras áreas como, por exemplo, a Medicina. Isto é flagrante em países situados no sul da Ásia, como a Índia, que não obtêm um reconhecimento oficial da área.

A área de LIS constitui geralmente uma pequena parte do conjunto de cursos disponíveis numa faculdade, o que por vezes leva a que não sejam dispensados grandes recursos para melhorar e adequar o programa de educação às necessidades que a sociedade tem na atualidade e ainda ao marketing que a faculdade realiza sobre a área que, muitas vezes é mínimo ou até inexistente. Além disto, caso o ensino seja realizado num país em desenvolvimento, a infraestrutura do curso em si será inferior devido não só à falta de recursos por parte da instituição como também à própria economia do país. Isto leva a que países como por exemplo a Nigéria, vejam os profissionais desta área apenas como “guardiões dos livros”.

Outro ponto a ter em consideração é a diversidade das várias vertentes a nível profissional da área. Por vezes os programas estão direcionados apenas para o núcleo tradicional. No entanto, basear o ensino em LIS apenas nestas áreas poderá eventualmente conduzir a uma maior dificuldade de adaptação ao mercado de trabalho fora das bibliotecas, como, por exemplo, no setor da informação social ou empresas.

Segundo Muthu (Muthu et al., 2015) o maior desafio no ensino em LIS parece ser a inconsistência entre o que é lecionado nas aulas e as expectativas que o mercado de trabalho tem em relação aos alunos graduados. Além disto, o facto de as tecnologias digitais estarem em constante desenvolvimento faz com que o programa e currículo da educação em LIS tenha de estar em sintonia e adaptado às necessidades e expectativas dos utilizadores.

- Corpo docente

Como em todas as áreas de estudo, o corpo docente prepara os novos e futuros profissionais, determinando a qualidade da educação que os graduados apresentam. Em alguns países, principalmente nos países em desenvolvimento, existe um número insuficiente de professores no ensino em LIS, dependendo por vezes de professores que trabalham apenas tempo parcial e sem especialização na área.

Espera-se que os profissionais integrantes no corpo docente, sejam investigadores que realizem pesquisas na área, no entanto, este é por vezes um ponto impossível de concretizar devido à falta de enquadramento institucional.

- Estudantes

O número de alunos inscrito em LIS tem vindo a decrescer ao longo dos anos, pois os alunos cada vez têm menos contacto com as bibliotecas no decorrer da sua vida. (Muthu et al., 2015) Muitos são os que concorrem para a área em LIS para ter apenas um emprego, ou até para chegar a uma outra área de estudo e não pelo gosto da área. (Muthu et al., 2015) Isto faz com que instituições de ensino em LIS sejam um alvo fácil de fusão ou eliminação. Note-se ainda que este decrescente número de alunos poderá dever-se ao pouco conhecimento que os potenciais candidatos têm da área, o que está diretamente ligado a vários fatores como o marketing que é realizado por parte das instituições de ensino e profissionais.

2 Instrumentos, população e recolha de dados

Relativamente à população em estudo foram selecionados os alunos que estejam a frequentar e/ou já tenham terminado a Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade de Coimbra.

Neste capítulo irei centrar-me nas técnicas utilizadas para a elaboração do instrumento de recolha de dados, apresentando também a população em estudo e os critérios utilizados para a seleção da amostragem do mesmo. Irei ainda relacionar todos os dados recolhidos, com a ajuda de tabelas e gráficos de forma a que os resultados sejam mais visíveis.

No presente estudo, optou-se por realizar um inquérito por questionário por ser a forma mais adequada para identificar as perceções dos inquiridos sobre a licenciatura e o mercado de trabalho.

Um questionário tem com objetivo a obtenção de repostas do grupo de estudo a que foi aplicado para que estas possam ser comparadas e relacionadas e consiste num conjunto de perguntas definidas de forma a responderem a questões como: Perguntar o quê? Perguntar como? Perguntar a quem?

Para a construção de um questionário a elaboração de questões é um processo que deve ser ponderado e deverá conter a menor ambiguidade, imprecisão e falta de clareza possível, para que as repostas possam ser o mais objetivas possíveis, facilitando também posteriormente sua análise posterior. Devem ainda ter-se em conta dois aspetos: a sua forma, aberta ou fechada e ainda o seu conteúdo, podendo ser composto por questões baseadas em factos e/ou baseadas em opiniões ou preferências.

O questionário utilizado neste estudo foi elaborado após uma revisão da literatura sobre o tema e teve em consideração as questões acima tratadas, optando pela utilização de perguntas fechadas na sua maioria. Para a sua elaboração foram analisados questionários relacionados com o mercado de trabalho e a inserção laboral, dos quais se destaca um estudo realizado na elaboração de uma tese do Programa de Doutoramento em Documentação na Universidade Aberta, sendo que algumas questões foram selecionadas e retiradas para utilização no questionário do presente estudo.

Relativamente à população em estudo, como já foi referido, foram selecionados alunos que estejam a frequentar e/ou já tenham terminado a Licenciatura em Ciência da Informação (LCI) da Universidade de Coimbra com o intuito de que exista uma maior diversidade de fatores como a idade o género e o ano de ingresso na licenciatura.

O questionário foi aplicado através de mensagem privada pelo Messenger a um total de 50 alunos, sendo que apenas 38 responderam ao questionário

2.1 Categorias de análise

De forma a compreender e organizar melhor um questionário devemos sempre ter em atenção as categorias escolhidas, os seus conceitos e as variáveis, ou indicadores, que utilizamos para o estudo da população escolhida. O seguinte quadro representa todas estas variáveis que estão presentes no estudo.

Quadro 1 - Modelo de análise do questionário

Categoria	Conceito	Indicador
Caracterização do grupo de estudo	Características demográficas	Sexo Idade
Características da trajetória académica	Percurso académico	Habilitações antes da licenciatura Ano de matrícula
	Motivações pessoais	Motivo(s) para ingressar no ensino superior Satisfação com o curso e com a universidade
Caracterização da situação laboral e do processo de inserção no mercado de trabalho	Percurso laboral após a conclusão da licenciatura	Condição laboral no primeiro ano após a conclusão da LCI
	Percurso de inserção laboral na atualidade	Situação de trabalho: empregado / desempregado Fatores que tenham dificultado a inserção no mercado de trabalho
	Relação da atividade profissional com a área da CI	Motivos pela não procura de trabalho na área da CI
	Satisfação/Insatisfação com o percurso profissional	Satisfação/Insatisfação com o percurso profissional Motivos da satisfação Motivos da Insatisfação
		Sector da atividade de trabalho

	Características e qualidade do atual emprego	Regime de contrato de trabalho Função que desempenha
Adequação da formação recebida ao mercado de trabalho		Relação entre a LCI e as competências exigidas no mercado de trabalho Avaliação do plano de estudos da LCI

2.2 Resultados e discussão

No presente estudo procurou-se entender através do questionário as trajetórias profissionais da população utilizada e ainda a sua opinião sobre a formação que receberam em relação ao mercado de trabalho que integraram.

A caracterização e identificação dos inquiridos é um aspeto fundamental para o cruzamento da informação recolhida de forma a conseguirmos um conhecimento mais aprofundado sobre todos os aspetos a serem abordados no decorrer do estudo. Para isto, foram propostas algumas questões como o género, a idade e as habilitações que tinham no momento de ingresso da licenciatura.

2.2.1 Caracterização dos respondentes

A primeira característica apresentada é o género. Através do gráfico abaixo conseguimos perceber que a grande maioria corresponde ao sexo feminino contanto com 84.2% (32) do total dos respondentes, sendo que apenas 15.8% (6) são do sexo masculino.

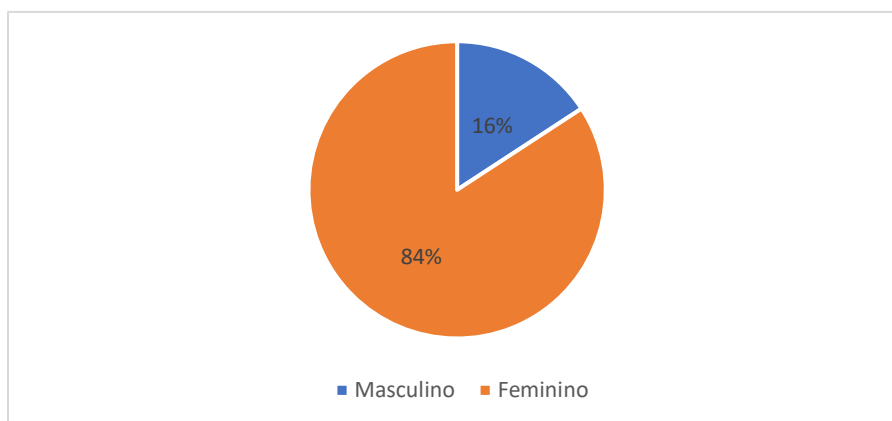


Gráfico 1 - Inquiridos por género (N=38)

Em relação à idade dos licenciados, observando o gráfico abaixo, conseguimos perceber que a grande maioria dos inquiridos se encontra entre os 22 e os 24 anos. Pela análise dos valores apresentados no mesmo calculamos que a média seja de aproximadamente 24 anos e a mediana de 24.5 anos.

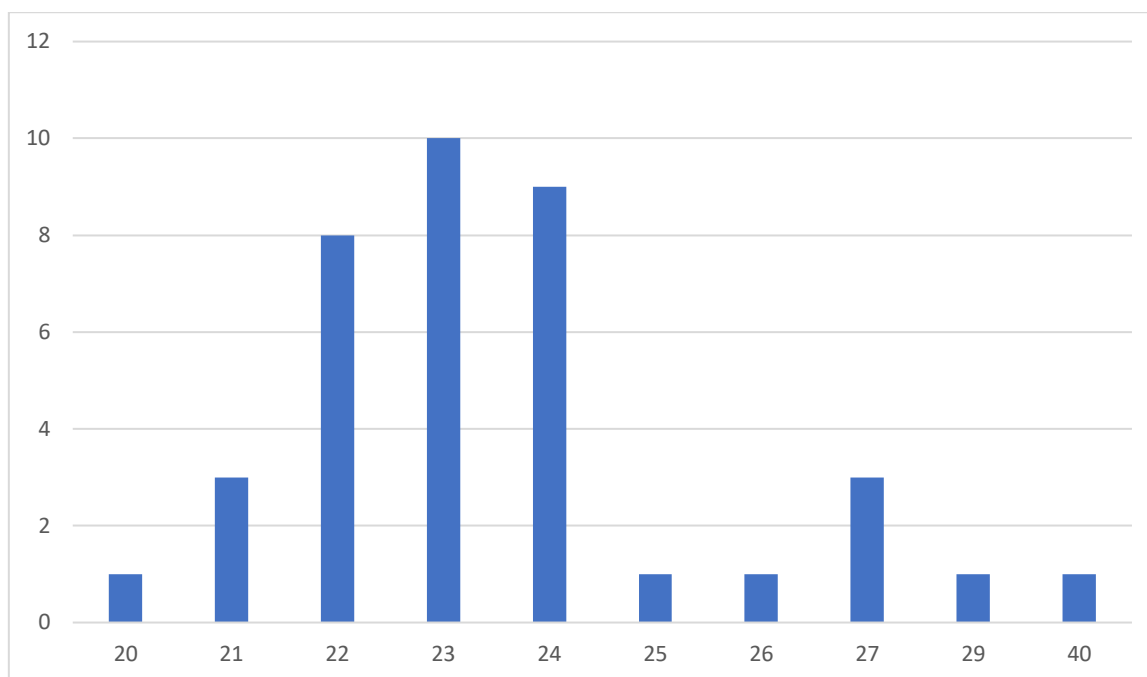


Gráfico 2 - Idade dos inquiridos

Cruzando os valores das idades dos inquiridos com o seu género conseguimos observar que em qualquer idade o sexo predominante é o feminino, sendo que nos 22 anos vemos a maior taxa de resposta do sexo masculino com 33.3%. Podemos ainda observar que existe uma maior incidência do sexo feminino nas idades entre os 22 e os 24 anos. A tabela seguinte mostra o cruzamento destes dados.

Quadro 2 - Cruzamento entre as idades e o género

Idades	Género		Total	
	Feminino	Masculino		
20	Valores absolutos	1	0	100%
	Valores percentuais	100%	0%	
21	Valores absolutos	2	1	100%
	Valores percentuais	66.7%	33.3%	
22	Valores absolutos	6	2	100%
	Valores percentuais	75%	25%	
23	Valores absolutos	9	1	100%
	Valores percentuais	90%	10%	
24	Valores absolutos	8	1	100%
	Valores percentuais	80%	10%	
25	Valores absolutos	1	0	100%
	Valores percentuais	100%	0%	
26	Valores absolutos	1	0	100%
	Valores percentuais	100%	0%	
27	Valores absolutos	2	1	100%
	Valores percentuais	66.7%	33.3%	
29	Valores absolutos	1	0	100%
	Valores percentuais	100%	0%	
40	Valores absolutos	1	0	100%
	Valores percentuais	100%	0%	

TOTAL	Valores absolutos	32	6	100%
	Valores percentuais	84.2%	15.8%	

Um último, mas importantíssimo aspeto a considerar na caracterização do grupo de estudo são as habilitações que os inquiridos possuíam no ano de ingresso na LCI. Analisando o gráfico 3 podemos concluir que a maioria dos inquiridos tinha o 12º ano, fazendo um total de 89%, sendo seguido por uma licenciatura com o total de 8% e por fim um bacharelato com 3%. Tendo em conta as idades a que este questionário foi enviado, esta era já uma conclusão esperada, pois grande parte dos inquiridos seguiram os estudos no término do 12º ano.



Gráfico 3 - Habilitações literárias (N=38)

2.2.2 Trajetória académica

No seguimento do último ponto acima tratado, acredita-se que além de ser necessário saber as habilitações académicas, é também importante saber os anos letivos em que os inquiridos se matricularam. Assim, conseguimos observar no gráfico nº 4 que dos inquiridos, 11 inscreveram-se na LCI no ano letivo de 2017/2018, sendo o maior número de inscrições na população em estudo.

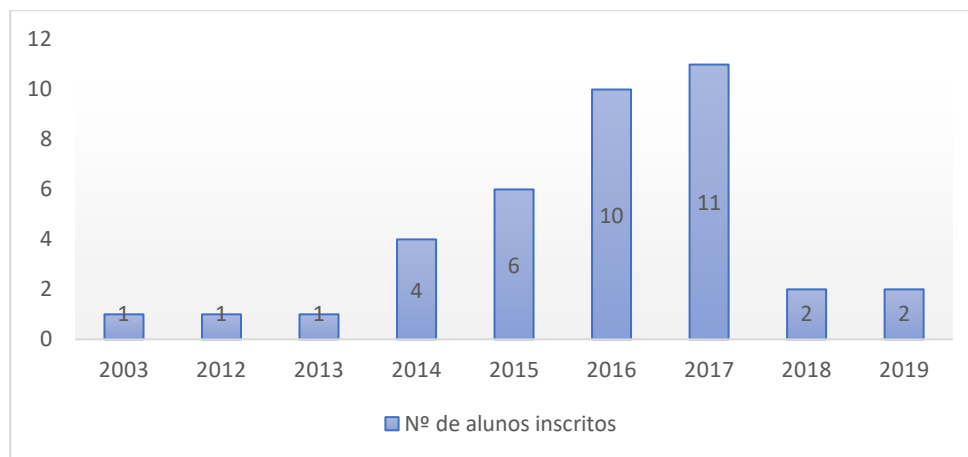


Gráfico 4 - Ano letivo de ingresso

A licenciatura em Ciência da Informação é um curso bastante abrangente e apesar que nem todos os inquiridos a quem se popôs responder a este questionário o terem feito, sabemos que as vagas são geralmente preenchidas. No entanto, fica a pergunta do que levou os alunos a escolherem este curso. De forma a obter uma resposta, colou-se uma questão aos sobre este mesmo tema: indique o(s) vários motivo(s) que o(a) levou a ingressar na LCI. As respostas obtidas estão sumariadas na tabela abaixo.

Podemos observar que os primeiros três de motivos são o facto de ser um curso com saídas profissionais diversificadas com 60.5% de respostas, pela sua estrutura curricular com 36.8% de respostas e por último permitir desempenhar uma profissão útil à sociedade ou por gostarem muito de livros, cada uma com 26.3% de respostas.

Quadro 3 - Motivos de ingresso na LCI

Motivos de ingresso na LCI	Frequência	Percentagem
Por ser um curso com saídas profissionais diversificadas	23	60.5%
Pela estrutura curricular do curso	14	36.8%
Por ser um curso que permite desempenhar uma profissão útil à sociedade	10	26.3%
Por gostar muito de livros	10	26.3%
Por realização pessoal	9	23.7%
Por permitir trabalhar em bibliotecas e outras unidades de informação	7	18.4%
Por ser um curso com boas saídas profissionais	4	10.5%
Por influência dos amigos e da família	4	10.5%
Por ser um curso com prestígio	3	7.9%
Por já trabalhar em bibliotecas ou outras unidades de informação	1	2.6%

Cruzando estes dados com a variável de género podemos ver que no sexo feminino os três grandes motivos são: por ser um curso com saídas profissionais diversificadas, pela estrutura curricular do curso e por gostar muito de livros / por ser um curso que permite

desempenhar uma profissão útil à sociedade, que vai ao encontro das percentagens acima mencionadas. Já no sexo masculino, encontramos como principais motivos de ingresso os motivos já acima mencionados e ainda por realização pessoal, sendo as respostas mais equilibradas em comparação ao sexo feminino.

Observamos ainda que nos respondentes, apenas um entrou na LCI por já trabalhar numa biblioteca ou noutra unidade de informação, sendo que a grande maioria dos inquiridos optou pela licenciatura pensado na sua carreira futura e nas suas saídas profissionais.

Quadro 4 - Motivos de ingresso na LCI x género

Motivos de ingresso na LCI	Feminino	Masculino
Por ser um curso com saídas profissionais diversificadas	17	5
Pela estrutura curricular do curso	12	2
Por ser um curso que permite desempenhar uma profissão útil à sociedade	9	1
Por gostar muito de livros	9	1
Por realização pessoal	6	2
Por permitir trabalhar em bibliotecas e outras unidades de informação	7	0
Por ser um curso com boas saídas profissionais	2	2
Por influência dos amigos e da família	3	1
Por ser um curso com prestígio	3	0
Por já trabalhar em bibliotecas ou outras unidades de informação	1	0

Conhecendo os motivos que levaram os alunos a ingressarem na LCI passemos agora a compreender o que estes acharam da mesma e da instituição onde estudam/estudaram. A avaliação que os alunos fazem deste curso e da instituição onde estudam/estudaram e das consequências que derivaram desta escolha são aspetos que merecem ter destaque neste estudo, uma vez que acreditamos que é assim que conhecemos o impacto da licenciatura em Ciência da Informação na sua trajetória profissional. Neste caso, e uma vez que o estudo se aplica apenas na Universidade de Coimbra, será sobre a Licenciatura em Ciência da Informação oferecida pela Faculdade de Letras.

Observando o gráfico abaixo, 45% (17) dos respondentes estão satisfeitos com a escolha que fizeram no que diz respeito à escolha do curso e do estabelecimento de ensino onde realizaram a licenciatura. Cerca de 8% (3) manteria o mesmo curso, mas mudaria a universidade e 31% (12) trocaria o curso, mas mantinha a instituição de ensino. Isto demonstra que existe uma maior satisfação com a Universidade de Coimbra do que com a LCI. Destaca-se ainda os 13% (5) de inquiridos que não voltariam a escolher o mesmo curso e o mesmo estabelecimento de ensino e ainda os 3% (1) que optariam por não ingressar no ensino superior.

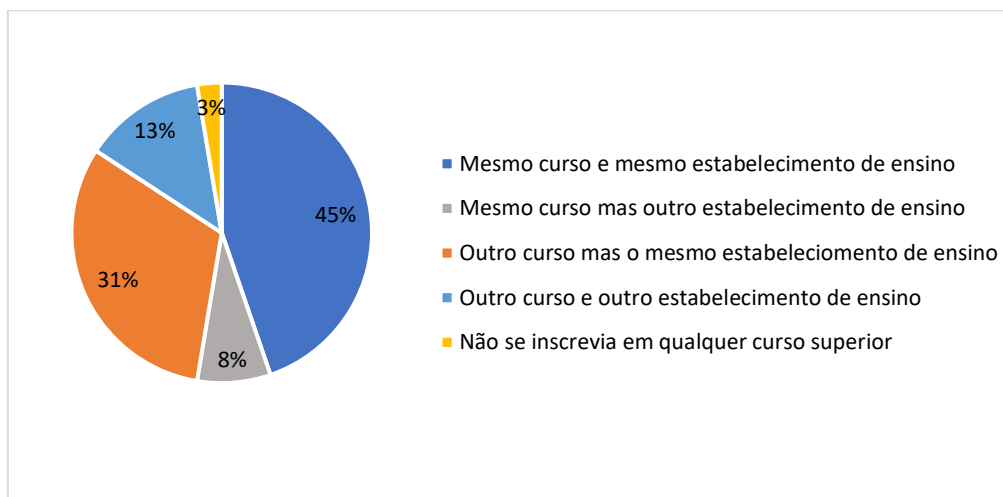


Gráfico 5 - Opinião sobre a LCI e instituição de ensino

2.2.3 Caracterização da situação laboral e do processo de inserção no mercado de trabalho

Conhecermos a experiência dos respondentes no primeiro ano após a conclusão da licenciatura é fundamental para entendermos a sua inserção no mercado de trabalho e iniciação de carreira. Por este motivo, foi colocada uma questão (“Já terminou a licenciatura em Ciência da Informação”) para que os alunos que ainda estejam a frequentar a LCI não continuem o preenchimento do questionário, finalizando assim a sua contribuição para este estudo. O total de respondentes passou, desde ponto em diante, a ser de 37 pessoas.

Para iniciar este tema os inquiridos foram questionados sobre o seu primeiro ano depois da conclusão da LCI. As respostas obtidas deram origem à tabela abaixo onde podemos observar uma taxa de 62.2% (23) de graduados que decidiram prosseguir com os estudos logo após a conclusão da licenciatura. Apenas 10.8% (4) procurou e conseguiu encontrar emprego na área de CI, sendo que esse mesmo valor vale para graduados que tentaram encontrar emprego na área da CI, mas não conseguiram e por este motivo decidiram procurar noutras áreas. Vemos ainda que 3 inquiridos optaram por prosseguir os estudos, uma vez que não encontraram trabalho em qualquer área, o que leva a questionar os seus motivos para a ingressão do mestrado ou pós-graduação e leva a acreditar que a sua primeira opção seria o mercado de trabalho e não a continuação da formação académica.

Quadro 5 – Situação laboral no primeiro ano após a LCI

Situação laboral no primeiro ano após a conclusão da LCI	Valores absolutos	Valores percentuais
Inscreeveu-se num programa de formação académica – mestrado, pós-graduação	23	62.2%

Procurou emprego na área da Ciência da Informação e conseguiu	4	10.8%
Procurou emprego na área da CI, mas como não encontrou procurou noutras áreas	4	10.8%
Procurou emprego em qualquer área, mas como não encontrou decidiu continuar os estudos	3	8.1%
Esteve desempregado	2	5.4%
Esteve empregado algum tempo, mas decidiu prosseguir com os estudos	1	2.7%

2.2.4 Inserção laboral na atualidade

Acredita-se necessário saber ainda a situação laboral dos inquiridos no presente. Assim, podemos observar no gráfico abaixo que a maioria, 41% (15), dos inquiridos se encontra a trabalhar, mas não na área da CI. Por outro lado, temos 27% (10) que trabalha na área que estudou. Um total de 32% (12) não realiza nenhuma atividade profissional no momento. Acredita-se que este valor se deva ao facto de a grande maioria dos inquiridos ter prosseguido os estudos.

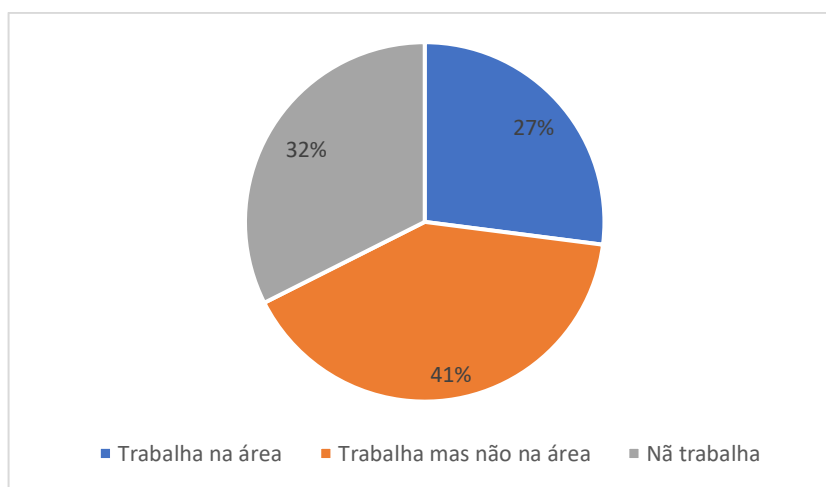


Gráfico 6 - Inserção no mercado de trabalho da área

Cruzando estes dados com os dados relacionados com a idade dos inquiridos, podemos observar que a maioria que trabalha na área tem 24 anos, contando com um total de 5 graduados, seguido das idades de 22, 23 e 40 anos. Observamos ainda que a idade onde existe uma taxa de desemprego mais elevada se encontra nos 22 anos e que é na faixa etária dos 23 anos que os graduados se encontram a trabalhar fora da área de CI.

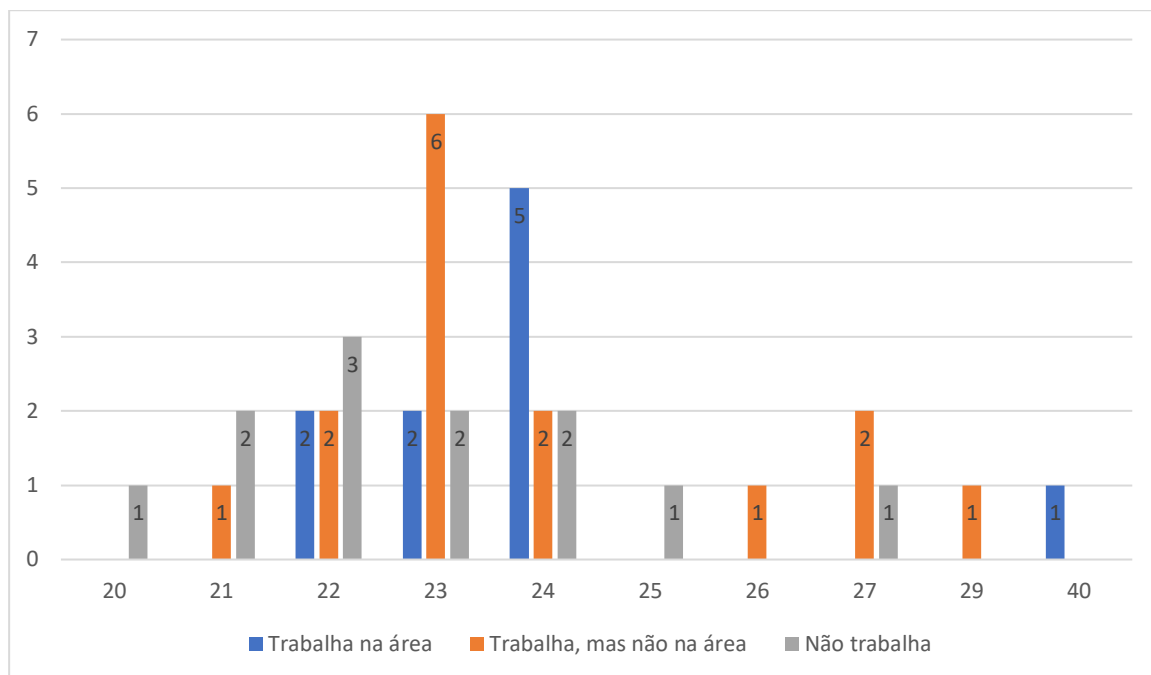


Gráfico 7 - Situação Laboral x idade

No seguimento destes dados, questionamos também os licenciados relativamente aos fatores que acreditam ter dificultado a sua inserção no mercado de trabalho. Olhando para a tabela abaixo, 40.5% (15) dos respondentes diz-nos que existe uma falta de experiência em contextos laborais. Este valor pode justificar-se devido à LCI na Universidade de Coimbra não ter estágio curricular, sendo que os professores incentivam ao estágio extracurricular, mas nem todos os alunos o fazem. Assim sendo, e uma vez que o estágio não é obrigatório, já era de esperar este valor neste ponto em específico. Temos ainda uma outra opção para a escolha deste ponto no questionário que é o facto de que o mercado de trabalho solicita na sua grande maioria profissionais experientes/séniore. Vemos ainda uma taxa de 29.7% (11) dos alunos que acreditam na falta de articulação dos programas universitários com o mercado de trabalho.

Quadro 6 – Fatores que dificultaram a inserção no mercado de trabalho

(Nota: os valores da tabela abaixo são sempre sobre o total de respostas, ou seja, x% em 100%)

Fatores que tenham dificultado a inserção no mercado	Valores absolutos	Valores percentuais
Falta de experiência em contextos laborais	15	40.5%
Falta de emprego	12	32.4%
Falta de articulação dos programas universitários com o mercado de trabalho	11	29.7%
O baixo salário que oferecem	8	21.6%
Falta de conhecimentos do mercado laboral	7	18.9%
Insuficientes estratégias de busca de emprego	7	18.9%

Saturação do mercado laboral na área da Ciência da Informação	5	13.5%
As ofertas não se adequam às expectativas de trabalho	5	13.5%
Atividades pessoais que impedem de trabalhar	3	8.1%
Insuficiente formação universitária	2	5.4%

Por vezes, os alunos ao concluir o curso não procuram trabalho na área que estudaram. Foi então colocada uma questão no questionário para tentarmos compreender melhor os motivos que levaram os alunos a não procurar emprego na área da CI. Esta não era uma resposta obrigatória, uma vez que se a questão não representasse a situação da pessoa, ou seja, se a pessoa tivesse procurado trabalho na área, não seria necessária resposta e poderia avançar a questão. Dos 37 respondentes, 19 (51%) responderam a esta questão, cujas resposta estão sumariadas no gráfico seguinte. Nele podemos ver que 53% não procurou trabalho na área pois decidiu prosseguir com os estudos; contudo, 32% dos respondentes afirma não estar interessado em trabalhar na área da Ciência da Informação.

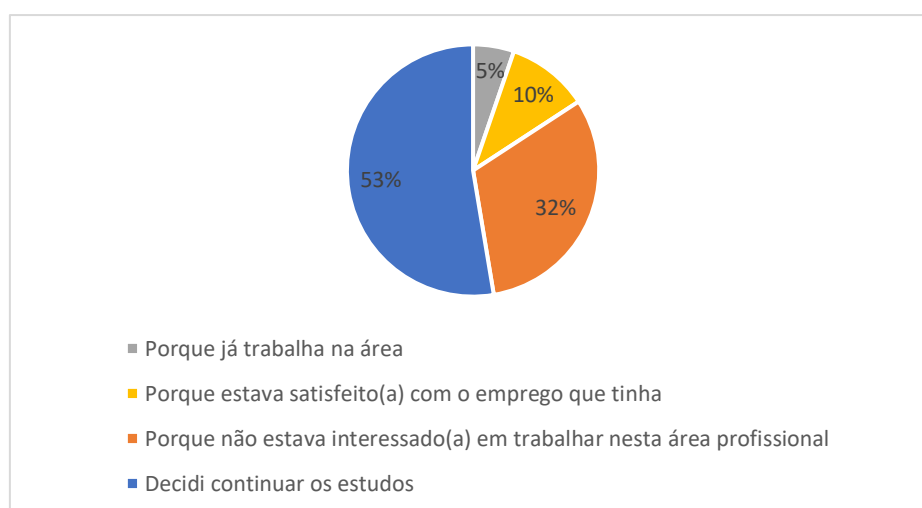


Gráfico 8 - Motivos de não procura de emprego na área de CI (N=37)

2.2.5 Satisfação/Insatisfação com o percurso profissional

Relativamente ao percurso profissional, parte-se do princípio que a opção por uma licenciatura signifique que queira trabalhar nessa mesma área e apenas assim se sentirá realizado a nível profissional e satisfeito com o seu percurso profissional. No entanto, podemos ser licenciados, estar a trabalhar numa outra área e estarmos igualmente satisfeitos com o nosso percurso.

De forma a tentar compreender melhor a satisfação com o percurso profissional, foram colocadas as seguintes questões: Está satisfeito com o seu percurso profissional? Indique os

principais motivos pelos quais se encontra satisfeito. Indique os principais motivos pelos quais não se encontra satisfeito.

A primeira questão corresponde a uma questão de pergunta simples, apenas com as opções de “Sim” e “Não”, que permite aos inquiridos passar para a pergunta de escolha múltipla relacionada com o(s) motivo(s) sobre a sua satisfação ou insatisfação.

Em resposta à primeira questão, 70.3% (26) referiram que estão satisfeitos com o seu percurso e 29.7% (11) responderam que não estão satisfeitos com o seu percurso.

Relativamente ao grupo de licenciados que se encontram satisfeitos com o seu percurso profissional, a maioria 61,5% (16) aponta como principal motivo o facto de estar a fazer aquilo que gosta. Outros motivos apontados são a importância que é dada entre a função que se desempenha com os objetivos profissionais (42.3%), as ótimas condições laborais (26.9%) e o facto de terem conseguido mudar de categoria profissional apesar de não exercerem o seu trabalho na área da CI. Realça-se, ainda, que 38.5% dos inquiridos optou por trabalhar perto da residência, o que mostra que cada vez é dada mais importância ao ambiente familiar e à proximidade com a sua cidade.

Quadro 7 – Motivos de satisfação profissional

(Nota: os valores das tabelas abaixo são sempre sobre o total de respostas, ou seja, x% em 100%)

Motivos de Satisfação Profissional	Respostas	
	Valores absolutos	Valores percentuais
Estou a fazer o que gosto	16	61.5%
A função que desempenho está em concordância com os meus objetivos profissionais	11	42.3%
Trabalho perto da área de residência	10	38.5%
Ótimas condições laborais	7	26.9%
Apesar de não trabalhar na área da CI conseguir mudar de categoria profissional	7	26.9%
Remuneração satisfatória	6	23.1%
Estou a trabalhar como técnico superior numa biblioteca ou outra unidade de informação	2	7.7%
Segurança contratual	2	7.7%

Já nos motivos de insatisfação profissional temos como principal motivo a falta de emprego na área da Ciência da Informação, correspondente a uma taxa de opção de 81.8%, ficando logo atrás a falta de reconhecimento da licenciatura para efeitos de carreira profissional com 54.5%. Olhando para a tabela abaixo podemos observar que a grande parte dos motivos de

insatisfação são relacionados com a carreira profissional, como, por exemplo a remuneração insuficiente (36.4%), a falta de segurança contratual (36.4%) e execução de tarefas que não estão inseridas na área científica da Ciência da Informação (36.4%).

Quadro 8 – Motivos de insatisfação profissional

Motivos de Insatisfação Profissional	Respostas	
	Valores absolutos	Valores percentuais
Falta de emprego na área da CI	9	81.8%
Não reconhecimento da licenciatura para efeitos de carreira profissional	6	54.5%
Remuneração insuficiente	4	36.4%
Falta de segurança contratual	4	36.4%
Execução de tarefas profissionais não conducentes com a área científica da LCI	4	36.4%
Más condições laborais dos empregos	2	18.2%
Execução de tarefas profissionais não conducentes com o grau de licenciado	2	18.2%
Emprego fora da área de residência	2	18.2%
Falta de emprego em qualquer área profissional	1	9.1

2.2.6 Características do atual emprego

De forma a tentarmos perceber a situação profissional atual dos inquiridos, foram colocadas algumas questões sobre o trabalho que têm no presente. A primeira foi relativa ao setor onde exercem a sua atividade profissional, onde 32% (12) dos respondentes indicou o sector público, 27% (10) o sector privado e 41% (15) seleccionou a resposta de “Não se aplica”. Estes valores estão representados no gráfico abaixo.

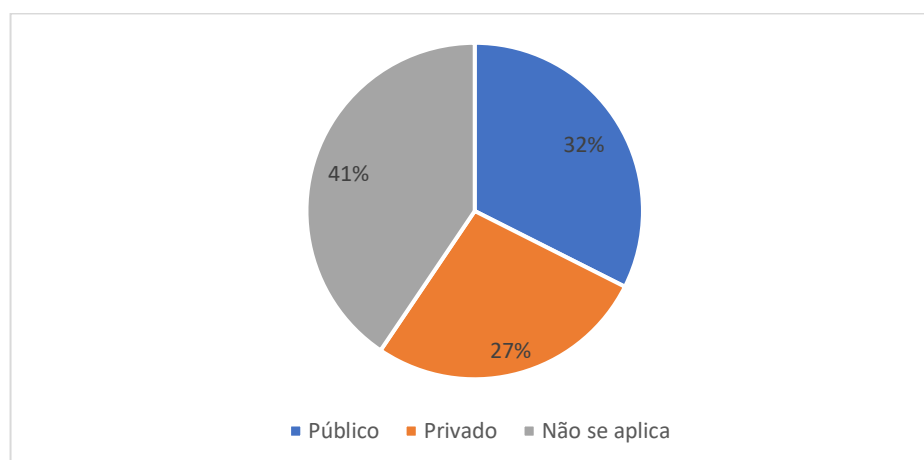


Gráfico 9 - Setor da atividade profissional (N=37)

De seguida quis-se saber qual o regime de contrato em que os inquiridos se encontravam. As respostas obtidas estão representadas no gráfico abaixo. Nele podemos observar que a maioria escolheu a opção de “Não se aplica”, correspondendo a 38% dos respondentes. Vemos ainda que 30% dos respondentes se encontram com contratos a termo certo (a prazo), 8% encontram-se com contratos de prestações de serviços e 16% estão no quadro.

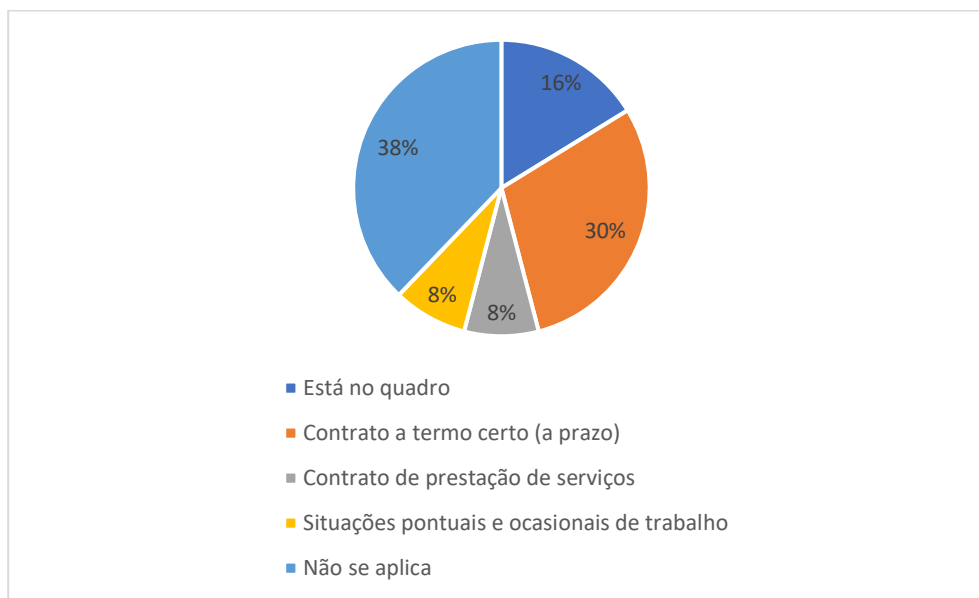


Gráfico 10 - Regime de trabalho (N=37)

Para melhor entendermos estes dados elaborou-se o gráfico abaixo que cruza os dados do regime de contrato com a satisfação e insatisfação dos inquiridos. Podemos observar que existe uma diferença de valores entre os respondentes que estão satisfeitos com o seu percurso profissional e os que não estão. Dos 11 respondentes que estão a termo certo (a prazo), apenas 1 escolheu a opção de insatisfação com o percurso profissional, sendo que as restantes 10 escolheram o oposto. No regime de contrato de prestação de serviços encontramos num total de 3 respondentes, 2 satisfeitos com o seu percurso profissional e 1 insatisfeito. O mesmo acontece na opção de regime de trabalho “Situações pontuais e ocasionais de trabalho”. Note-se ainda que o valor de inquiridos satisfeitos e insatisfeitos no quadro é o mesmo, sendo que cada uma das opções conta com 3 pessoas.

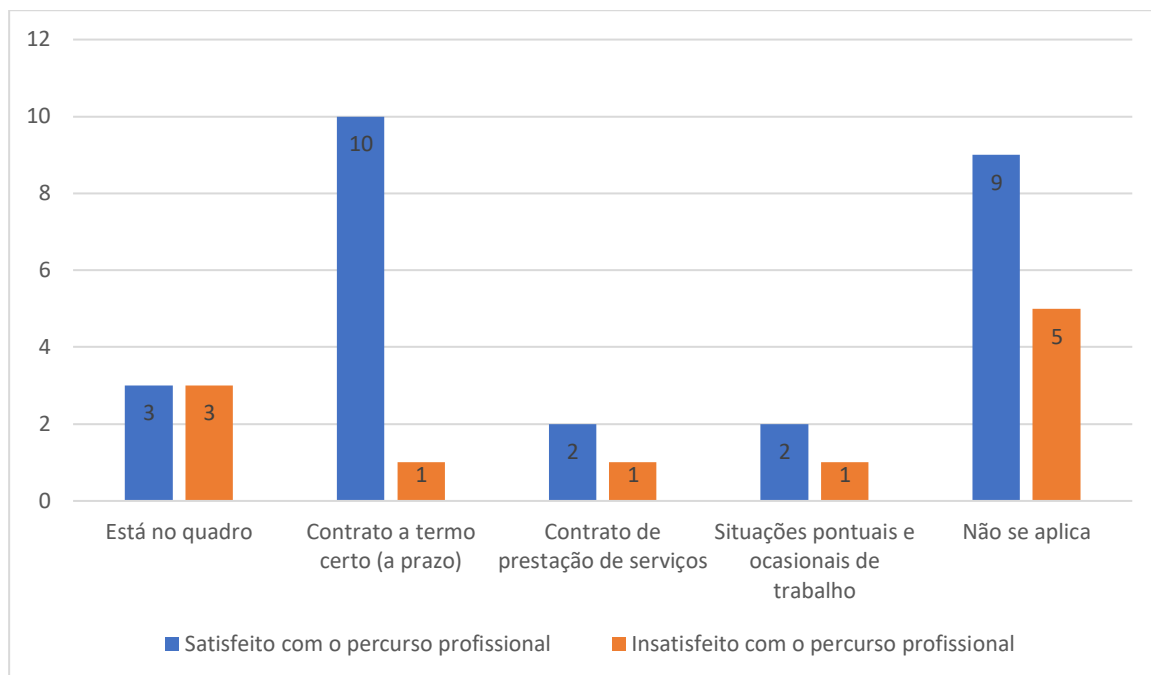


Gráfico 11 - Regime de trabalho x (in)satisfação (N=37)

Apurar a função que uma pessoa desempenha na organização onde trabalha é igualmente importante, uma vez que as saídas profissionais da área são um elemento-chave para a maioria dos inquiridos ingressar na LCI.

No gráfico abaixo podemos encontrar os dados obtidos das respostas à questão proposta relativamente a este tema. A análise do gráfico abaixo, mostra que a maior percentagem se refere à opção “Não se aplica” com 69% das respostas. Contamos, então, com 31% de respostas distribuídas pelas restantes opções de escolha: 3% (1) num cargo de direção, 8% (3) como técnico superior numa biblioteca, 5% (2) como técnico a trabalhar num arquivo, 6% como técnico superior a trabalhar noutro serviço de informação e temos ainda mesma percentagem para os respondentes que estão como assistentes técnicos a trabalhar em bibliotecas e outros serviços de informação, e, por fim, temos 3% (1) como assistente técnico e que não está a trabalhar em bibliotecas e outros serviços de informação.

O facto de haver uma percentagem tão grande na opção de resposta “Não se aplica” poderá surgir devido a muitos alunos terem optado por prosseguir os estudos e ainda devido a alguns respondentes que estejam a trabalhar não tenham a sua função descrita nas outras opções, não se enquadrando em nenhuma delas.

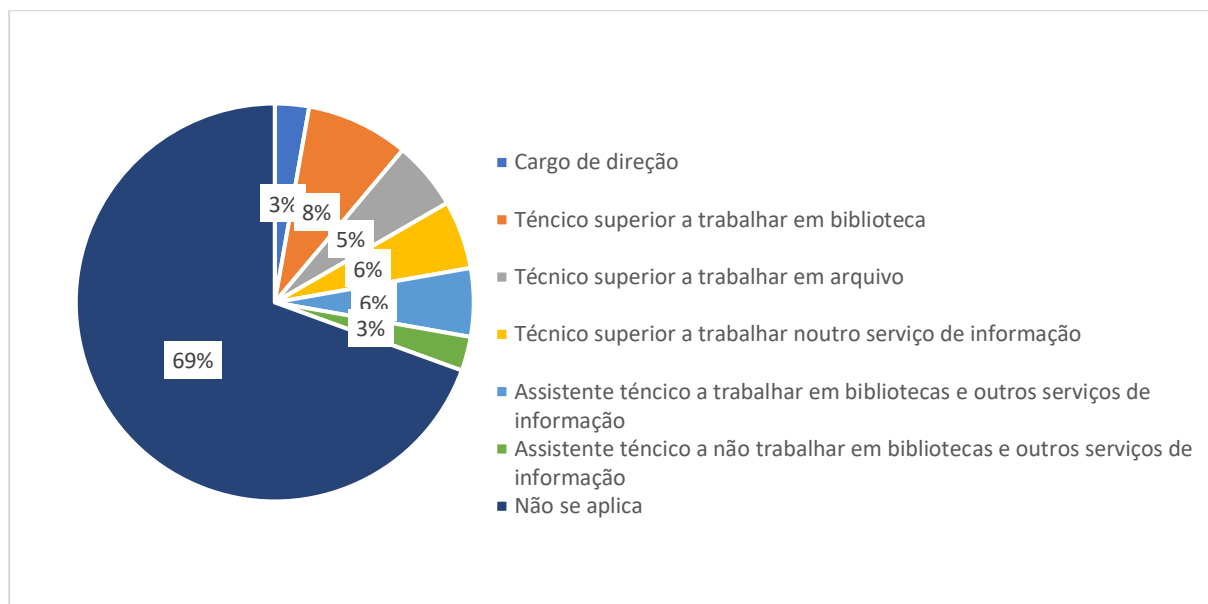


Gráfico 12 - Função que atualmente desempenha (N=37)

Tal como no regime de trabalho, iremos agora fazer um cruzamento entre as diferentes respostas relativamente às funções desempenhadas na organização de trabalho com a satisfação e insatisfação do percurso profissional dos inquiridos.

Este cruzamento de dados está representado no gráfico abaixo onde podemos observar que os cargos apresentados nas opções de resposta são em grande maioria ocupados por graduados satisfeitos com o seu percurso profissional. Apenas 2 profissionais que exercem alguma função descrita nas opções estão insatisfeitos com o seu percurso profissional, em contrapartida temos 9 profissionais satisfeitos.

Relativamente à opção “Não se aplica”, podemos ver que a maioria que a escolheu se encontra satisfeito com o seu percurso, fazendo acreditar que tal como referido acima, muitos dos respondentes que tenham escolhido esta opção fazem parte dos 62.2% que decidiram continuar com os estudos após a conclusão da licenciatura.

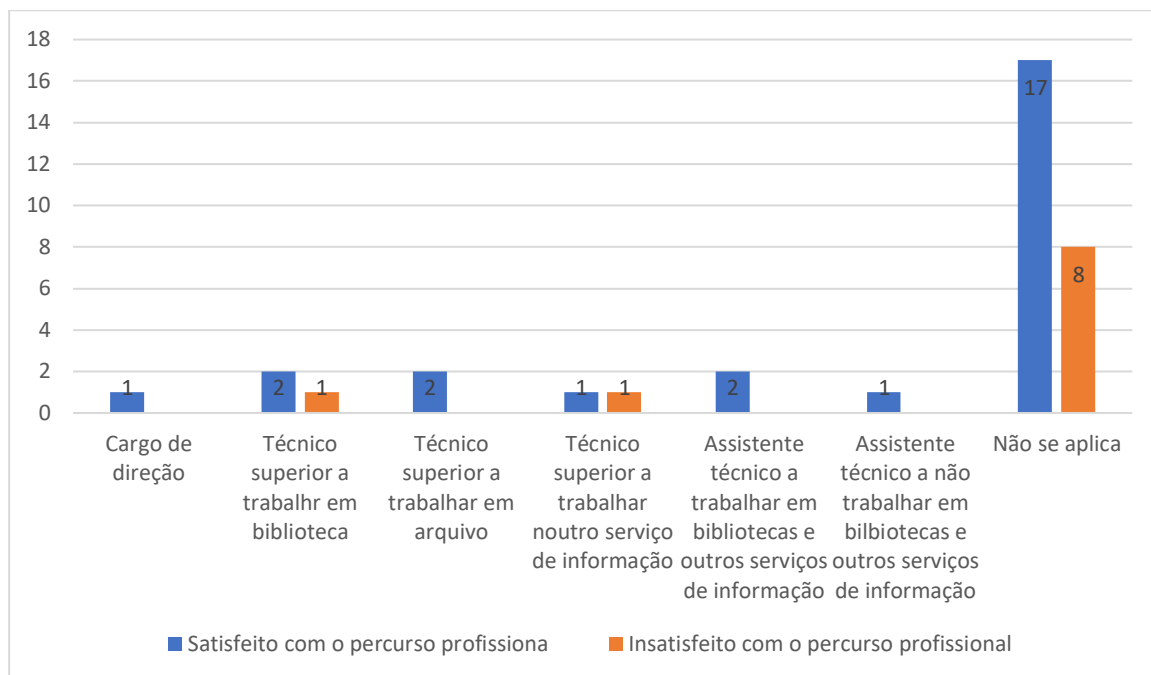


Gráfico 13 - Função x (in)satisfação (N=37)

2.2.7 Adequação da formação recebida ao mercado de trabalho

Uma das principais finalidades de uma licenciatura consiste em responder às necessidades do mercado de trabalho e do público. Assim sendo, é fulcral estudarmos o impacto da formação superior que os respondentes tiveram com a inserção no mercado de trabalho e com a execução da profissão em si. Para este estudo, foram propostas duas questões neste tema no inquérito; a primeira baseia-se nas competências e conhecimentos adquiridos ao frequentar a LCI agora que os inquiridos estão a trabalhar e a segunda consiste numa avaliação do grau de satisfação do plano de estudos e da LCI.

Para 30% dos respondentes, a licenciatura facilitou a progressão na carreira profissional, enquanto para 8% apesar de não ter ajudado na progressão de carreira melhorou o desempenho profissional. Este último aspeto é bastante importante, pois a satisfação profissional não significa apenas subir na carreira, mas também a forma como desempenhamos a função, o gosto que temos pela mesma e, em muitos casos, pela aquisição de mais conhecimento da área. Encontramos ainda um grupo de 13% de inquiridos que consideraram que a licenciatura não ajudou nem na progressão de carreira nem na condição profissional e cerca de 19% necessitaram de uma formação suplementar.

Em geral, temos um grupo de 41% que considera que a licenciatura foi útil de alguma forma, quer seja na ascensão a um novo cargo, quer no melhor desempenho do mesmo, e temos um grupo de 32% que mostrou o seu desagrado em relação ao término da licenciatura pois

acreditam que em nada os ajudou profissionalmente. Temos ainda uma taxa de 27% de respondentes que colocou a opção de “Não sabe/Não responde”, onde mais uma vez se considera que esta taxa elevada pode dever-se ao facto de uma grande parte da população em estudo (62.2%) ter optado por continuar a sua formação superior.

Quadro 9 – Impacto das competências e conhecimentos da LCI

Impacto das competências e conhecimentos adquiridos pela LCI	Valores absolutos	Valores percentuais
Facilitou-me a progressão na carreira	11	30%
Não sabe/Não responde	10	27%
Serviu-me de muito pouco e necessitei de uma formação suplementar para melhorar a minha condição profissional	7	19%
Serviu-me de muito pouco quer na minha progressão na carreira, quer no meu desempenho profissional	5	13%
Não permitiu a minha progressão na carreira, mas melhorou o meu desempenho profissional	3	8%
Ajudou-me a encontrar um emprego	1	3%

Um último tópico considerado fundamental neste estudo é a avaliação dos inquiridos do plano de estudos e da própria licenciatura em função das exigências e expectativas que o mercado de trabalho tem dos licenciados. Como podemos ver no gráfico abaixo, 43% (16) dos respondentes vê a formação na licenciatura em Ciência da Informação e o seu plano de estudo como boa, 30%, (13) considera que a formação que teve não foi nem boa nem má, assim, pressupomos que seja satisfatória em relação ao mercado de trabalho que enfrentaram, 8% (3) considerou a formação obtida boa, e apenas 5% (2) considerou que o seu plano de estudos como mau. Os restantes 14% (5) não responderam a esta questão.

De uma forma geral, podemos observar que os licenciados estão satisfeitos com a formação obtida e consideram-na adequada ao mercado de trabalho, contando com uma taxa de 41% de satisfação, quer seja através dos 30% onde facilitou a progressão na carreira, quer nos 8% onde melhorou o desempenho profissional, quer nos 3% onde ajudou a encontrar emprego. No entanto, existe uma percentagem de 19% e de 13% que nos mostra que poderão existir algumas lacunas por parte do plano de estudos em relação ao mercado de trabalho e à preparação que temos para o mesmo.

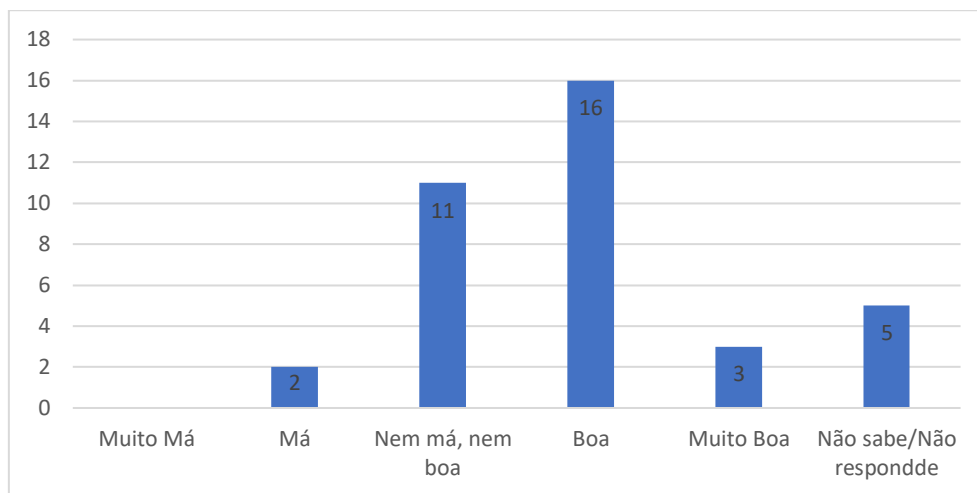


Gráfico 14 - Avaliação da LCI

Podemos depreender pelos dados referidos no presente estudo que a profissão é constituída maioritariamente por mulheres, sendo que existe uma grande parte de alunos que conseguem encontrar trabalho após a conclusão da licenciatura. A função que os licenciados desempenham na organização empregadora é bastante variada, podendo ser tanto técnicos superiores como assistentes técnicos, sendo que é o setor público que mais emprega este tipo de profissionais. Existe também uma grande taxa da população em estudo que claramente saiu da área da Ciência da Informação após a conclusão da licenciatura, optando por seguir outras áreas. Em parte, isto vai ao encontro dos dados obtidos no motivo de entrada na LCI, onde a maioria afirma que concorreu devido à possibilidade de saídas profissionais diversificadas.

Podemos ainda observar com esta investigação que hoje em dia não importa apenas subir na carreira profissional e que a satisfação e gosto pela profissão contam bastante para uma vida mais estável e saudável.

O questionário utilizado no presente estudo foi elaborado com base num utilizado numa tese de doutoramento sobre a “gestão dos profissionais da informação em Portugal. Estudo sobre a trajetórias e perceções da profissão dos graduados da Licenciatura em Ciências da Informação e Documentação da Universidade Aberta”.

Tendo em conta que existem várias diferenças entre os estudos, nomeadamente a universidade onde foram aplicados, o número de questionados, o facto de grande parte da população já se encontrar a trabalhar na área no momento de ingresso da licenciatura enquanto o presente questionário aplica-se também a alunos que ainda estejam a frequentar a mesma, entre outras, faz com que os resultados obtidos não possam ser comparáveis.

CONCLUSÃO

Os profissionais da área da Ciência da Informação não são mais apenas bibliotecários e arquivistas, estes são duas das possíveis saídas profissionais para o profissional da informação é uma pessoa que detém um conjunto de competências adquiridas ao longo do seu percurso académico em relação à recolha, ao tratamento e à divulgação da informação.

A formação é um aspeto fundamental na vida profissional de uma pessoa, uma vez que será a base de aproximação ao mercado de trabalho. E planos curriculares para diferentes vertentes o que ajuda os alunos a ingressar naquela que melhor responde ao seu perfil, pese embora a localização geográfica ter um peso significativo ou mesmo determinante, em muitos casos, na escolha.

O presente estudo apresenta a perceção que os estudantes ou profissionais que responderam ao questionário têm da sua situação profissional atual e das competências essenciais para o seu desempenho, tendo sempre em consideração não apenas a sua função na sociedade, mas ainda o seu grau de satisfação perante a mesma. Dado o seu número, não é possível retirar daqui inferências para o conjunto, mas é uma primeira aproximação às suas perceções.

Acredita-se que seja um tema que merece muita atenção por parte dos estudantes e professores, pois é a melhor forma de vermos se o plano de estudos está adequado às expectativas e necessidades de um mercado de trabalho que está em constante mudança.

Esta profissão, e consequentemente os seus profissionais, necessita de uma formação contínua devido aos vários desafios e mudanças que ocorrem devido à evolução da sociedade. Existe uma necessidade também de se reinventarem absorvendo novas competências e novos conhecimentos para a sua sobrevivência. Isto nota-se no facto de grande parte dos licenciados ter optado por continuar a investir na sua formação, inscrevendo-se num novo tipo de formação superior (mestrado ou pós-graduação).

Deixo a recomendação de inclusão do estágio fazer parte da licenciatura como estágio curricular tornando-se assim obrigatório, pois acredito que poderia ser bastante benéfico para os alunos passarem por essa experiência e eventualmente incrementar uma taxa de empregabilidade na área mais elevada.

Pretende-se com este estudo contribuir para a melhoria de as expectativas dos estudantes face ao mercado de trabalho e a sua formação ao nível da LCI, contanto com números e percentagem de experiências laborais para ajudar a entender melhor a profissão em si e como esta é vista e vivenciada pelos licenciados em Ciência da Informação. Fica ainda um desejo de

um dia desenvolver este estudo com a devida profundidade na Universidade de Coimbra e estendê-lo posteriormente ao nível do país para melhor poder retratar uma área que ainda se encontra em fase de afirmação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bedin, S. P. M., Duarte, E. J., & Vianna, W. B. (2019). A percepção discente e o mercado de trabalho. *InCID: Revista de Ciência Da Informação e Documentação*, 10(1), 302–325. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v10i1p302-325>
- Blum, R. (2011). *Kallimachos: The Alexandrian Library and the Origins of Bibliography*. Univ of Wisconsin Press.
- Borges, M. M. (2006). *A esfera: Comunicação académica e novos media*. Universidade de Coimbra.
- Borges, M. M., de Freitas, M. C. V., & de Oliveira, S. R. (2019). A ciência da informação em portugal nas primeiras décadas do século xxi: Uma abordagem preliminar para uma cartografia iberoamericana. *Bibliotecas Anales de Investigación*, 15, 260–292.
- C.E.O.S.P.P. (2020). *Transformação Digital: Dimensões organizacionais e societais: Cadernos de Investigação da Escola de Verão*. Centro de Estudos Organizacionais e Sociais do Politécnico do Porto. <https://doi.org/10.26537/NE7D-VF69>
- de Carvalho, K. (2002). O Profissional da Informação: O Humano Multifacetado. *DataGramZero - Revista de Ciência Da Informação*, 3.
- E.C.I.A. (2005). *EURO Referencial I-D*. INCITE.
- Ferreira, D. T. (2003). Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. *Ciência Da Informação*, 32(1), 42–49. <https://doi.org/10.1590/s0100-19652003000100005>
- le Coadic, Y.-F. (1996). *A Ciência da Informação*. Lemos Informação e Comunicação Ltda.
- Marcos, I. M. (2016). QUE FUTURO PARA O ENSINO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM PORTUGAL? *QUE FUTURO PARA O ENSINO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM PORTUGAL?*
- Muthu, M., Sivaraman, M. A. P., & Singh, K. (2015). LIS education: issues and challenges in the present era. *Gyankosh- The Journal of Library and Information Management*, 6(1), 46. <https://doi.org/10.5958/2249-3182.2015.00006.4>

- Pena, A. D. S. (2008). A evolução do mercado de trabalho formal do profissional da informação no Brasil: um estudo a partir da RAIS/MTE, 1985 a 2005. *Perspectivas Em Ciência Da Informação*, 13(1), 219–220. <https://doi.org/10.1590/s1413-99362008000100016>
- Pinto, Maria Manuela de Azevedo. (2008). *A formação em Informação e documentação: Portugal na contemporaneidade*.
- Targino, M. D. G. (2000). Quem é o profissional da informação? *Transinformação*, 12(2), 61–69. <https://doi.org/10.1590/s0103-37862000000200005>
- Tumuhairwe, G. K. (2013). Analysis of Library and Information Science/Studies (LIS) Education Today: The Inclusion of Indigenous Knowledge and Multicultural Issues in LIS Curriculum. *IFLA WLIC*.
- Vitorino, E. V., & da Silva, A. M. (2016). A formação de profissionais da informação em Portugal e Espanha: um contexto necessário para compreender a competência em informação. *Cadernos BAD*, 138–156.

APÊNDICE

Questionário

1. Género
 - 1) Feminino
 - 2) Masculino

2. Qual a sua idade?

3. Quais eram as suas habilitações no momento de ingresso na LCI?
 - 1) Habilitações inferiores ao 12º ano
 - 2) 12º ano
 - 3) Frequência de curso superior
 - 4) Bacharelato
 - 5) Licenciatura

4. Indique o ano letivo que se matriculou na LCI.

5. Indique o(s) principal(is) motivo(s) que o(a) levou a ingressar na LCI. Assinale todos os aplicáveis.
 - 1) Por ser um curso com prestígio
 - 2) Por influência dos amigos e da família
 - 3) Pela estrutura curricular do curso
 - 4) Por ser um curso com boas saídas profissionais
 - 5) Por ser um curso com saídas profissionais diversificadas
 - 6) Por ser um curso que permite desempenhar uma profissão útil à sociedade
 - 7) Por já trabalhar em bibliotecas ou outras unidades de informação
 - 8) Por permitir trabalhar em bibliotecas e outras unidades de informação
 - 9) Por gostar muito de livros
 - 10) Por realização pessoal

6. Relativamente à licenciatura e à universidade escolhida, atualmente qual seria a sua opção?
 - 1) Escolheria o mesmo curso e o mesmo estabelecimento de ensino
 - 2) Escolheria o mesmo curso, mas outro estabelecimento de ensino
 - 3) Escolheria outro curso, mas o mesmo estabelecimento de ensino
 - 4) Escolheria outro curso e outro estabelecimento de ensino

- 5) Não me inscrevia em qualquer curso superior
7. Já terminou a licenciatura em Ciência da Informação?
 - 1) Sim
 - 2) Não
 8. Quais das seguintes frases ilustra melhor a situação que viveu no primeiro ano após a conclusão da licenciatura?
 - 1) Acabei o curso e inscrevi-me num programa de formação académica (mestrado ou pós-graduação)
 - 2) Procurei emprego na área da ciência da informação e consegui
 - 3) Procurei emprego em qualquer área profissional durante algum tempo, mas como não encontrei decidi prosseguir os estudos
 - 4) Procurei emprego na área da ciência da informação, mas como não o encontrei, procurei em outras áreas profissionais
 - 5) Estive empregado(a) algum tempo, mas depois decidi retomar os estudos a tempo inteiro
 - 6) Estive desempregado(a)
 9. Atualmente qual é a sua situação laboral?
 - 1) Trabalha na área
 - 2) Trabalha, mas não na área
 - 3) Não trabalha
 10. Na sua opinião, quais são os principais fatores que têm dificultado a sua inserção no mercado de trabalho?
 - 1) Insuficientes estratégias de busca de emprego
 - 2) Falta de emprego
 - 3) Falta de conhecimentos sobre o mercado laboral
 - 4) Saturação do mercado laboral na área da ciência da informação
 - 5) Falta de articulação dos programas universitários com o mercado de trabalho
 - 6) Insuficiente formação universitária
 - 7) Falta de experiência em contextos laborais
 - 8) Atividades pessoais que impedem de trabalhar
 - 9) As ofertas não se adequam às expectativas de trabalho
 - 10) O baixo salário que oferecem

11. Indique a razão pelo qual não procurou trabalho na área da ciência da informação. Caso esta questão não represente a sua situação avance para a próxima questão.

- 1) Porque já trabalhava na área
- 2) Porque estava satisfeito(a) com o emprego que tinha
- 3) Porque não estava interessado(a) em trabalhar nesta área profissional
- 4) Decidi continuar os estudos

12. Está satisfeito com o seu percurso profissional após a conclusão do curso?

- 1) Sim
- 2) Não

13. Indique os principais motivos pelos quais não se encontra satisfeito com o seu percurso profissional.

- 1) Más condições laborais dos empregos
- 2) Falta de segurança contratual
- 3) Remuneração insuficiente
- 4) Execução de tarefas profissionais não conducentes com o grau de licenciado
- 5) Execução de tarefas profissionais não conducentes com a área científica da LCI
- 6) Não reconhecimento da licenciatura para efeitos de carreira profissional
- 7) Falta de empregos na área da ciência da informação
- 8) Falta de empregos em qualquer área profissional
- 9) Empregos fora da área de residência

14. Em que setor exerce a sua atividade profissional?

- 1) Público
- 2) Privado
- 3) Não se aplica

15. Qual é o regime do seu contrato de trabalho?

- 1) Está no quadro
- 2) Contrato a termo certo (a prazo)
- 3) Contrato de prestação de serviços
- 4) Situações pontuais e ocasionais de trabalho
- 5) Não se aplica

16. Qual é a função que atualmente desempenha na organização onde trabalha?

- 1) Cargo de direção
- 2) Técnico superior a trabalhar em biblioteca
- 3) Técnico superior a trabalhar em arquivo
- 4) Técnico superior a trabalhar noutro serviço de informação
- 5) Assistente técnico a trabalhar em bibliotecas e outros serviços de informação
- 6) Assistente técnico a não trabalhar em bibliotecas e outros serviços de informação
- 7) Não se aplica

17. Tendo em conta o seu conhecimento do mercado de trabalho, considera que as competências e conhecimentos adquiridos pela LCI:

- 1) Facilitou-me a progressão na carreira
- 2) Serviu-me de muito pouco e necessitei de uma formação suplementar para melhorar a minha condição profissional
- 3) Não permitiu a minha progressão na carreira, mas melhorou o meu desempenho profissional
- 4) Serviu-me de muito pouco, quer na minha progressão na carreira, quer no meu desempenho profissional
- 5) Ajudou-me a encontrar um emprego
- 6) Não sabe/Não responde

18. Como avaliaria a licenciatura que frequentou relativamente à adequação do seu plano de estudos ao mercado de trabalho em ciência da informação?

- 1) Muito má
- 2) Má
- 3) Nem má nem boa
- 4) Boa
- 5) Muito boa
- 6) Não sabe/Não responde